

Prática Pedagógica em Educação de Infância – Jardim de Infância

A Avaliação na Creche e no Jardim de Infância

Relatório de Estágio para a obtenção do grau de Mestre em Educação Pré-Escolar

Diana Silva

Orientação

Maria João Cardona

2013; dezembro

Agradecimentos

Aos meus pais que contribuíram para que o meu sonho de ser educadora de infância se torne realidade, pelo auxílio e pelas palavras de incentivo nos momentos mais difíceis desta etapa da minha vida.

Às minhas primas Guida e Maria pela ajuda preciosa na elaboração deste trabalho.

À minha professora e Orientadora, Maria João Cardona, pela ajuda prestada, dedicação, críticas e sugestões para o enriquecimento deste trabalho.

Às educadoras que entrevistei, pois sem elas não seria possível a realização desta investigação.

A todos, muito obrigado.

Resumo

O presente trabalho leva-nos a estudar as finalidades e práticas de avaliação na Creche e no Jardim de Infância.

Com ele pretendi ouvir a opinião de seis educadoras de infância sobre esta temática, nos contextos de creche e jardim de infância.

Este trabalho tem como objetivo ouvir os testemunhos das educadoras de infância sobre a avaliação, nomeadamente se acham importante fazer a avaliação das crianças, que instrumentos de avaliação utilizam nas suas práticas e por fim de que forma é que a avaliação pode contribuir para uma melhoria das suas práticas pedagógicas e profissionais.

Com base nos resultados obtidos e analisados das entrevistas, conclui-se que as educadoras de infância salientam que a avaliação das crianças serve para se verificar a evolução das crianças, assim como observar em que grau de desenvolvimento se encontra cada criança. Neste sentido a avaliação, também proporciona de certa forma o aperfeiçoamento das suas práticas educativas enquanto educadoras.

Palavras-Chave: *Avaliação na Creche, Avaliação no Jardim de Infância, Práticas de avaliação, Finalidades da Educação.*

Abstract

This paper leads us to study the purposes and practices of assessment in Nursery and Kindergarten.

With it I intended to hear from six kindergarten teachers on this subject, in the contexts of day care and kindergarten.

This paper aims to hear the kindergarten teachers' opinions on evaluation, particularly if they find it important to assess the children, which assessment tools they may use and ultimately how is that evaluation can contribute to an improvement of their pedagogical and professional practices.

Based on the results obtained and analyzed in the interviews, it is concluded that the kindergarten teachers stress that the evaluation of children serves to check their development as well as observe in which stage of development is child is at. In this sense the evaluation also provides a way of improving their educational practices as educators.

Keywords: Assessment in Nursery, Kindergarten Assessment, Evaluation Practices, Purposes of Education.

Índice

Agradecimentos.....	I
Resumo	II
Abstract	III
Índice.....	IV
Índice de Quadros.....	V
Índice de Figuras.....	V
Índice de Anexos.....	V
Introdução.....	1
Parte I – Contextos de Estágio	3
Caraterização do Contexto de Creche.....	3
Caraterização do Contexto de Jardim de Infância.....	11
Percurso de Desenvolvimento Profissional	18
Autoavaliação/autodiagnóstico	18
Parte II.....	22
Trabalho de Pesquisa	22
Objetivos e Questões Orientadoras	24
Opções Metodológicas.....	25
Fundamentação Teórica	27
Desenvolvimento Curricular na Educação de Infância.....	27
Avaliação na Creche	28
A Avaliação no Jardim de Infância	29
Apresentação e análise dos dados	34
Síntese e considerações.....	41
Reflexão Final.....	42
Referências Bibliográficas.....	44
Referências Legislativas	46
Anexos.....	47
Anexo nº 1 – Carta dirigida à Instituição, para autorização de executar as entrevistas.....	48
Anexo nº 2 – Guião das entrevistas às Educadoras de Infância.....	49
Anexo nº 3 - Transcrição das Entrevistas às Educadoras de Infância	51

Índice de Quadros

Quadro nº1 – Dez Princípios Educativos em Creche de Gabriela Portugal.

Quadro nº2 – Números de anos de serviço das educadoras.

Índice de Figuras

Figura 1 – Área de reunião no tapete.

Figura 2 – Espaço da sala.

Figura 3 – Atividade de exploração da mousse.

Figura 4 – Atividade de exploração da mousse.

Figura 5 – Atividade de identificação dos animais nos cartões.

Figura 6 – Área da Biblioteca.

Figura 7 – Área do tapete.

Figura 8 – Desenhos da pesquisa das plantas nos livros (crianças 5/6 anos).

Figura 9 – Desenhos do girassol baseado na história: “Pipo e Gigi” (crianças 3/4 anos).

Índice de Anexos

Anexo nº1 – Carta de autorização para execução das Entrevistas à instituição.

Anexo nº 2 – Guião das Entrevistas às Educadoras de Infância.

Anexo nº 3 – Transcrição das Entrevistas às Educadoras de Infância.

Introdução

O presente relatório de estágio surge no final do 2º semestre do Mestrado em Educação Pré-Escolar, no âmbito da unidade curricular da Prática Pedagógica em Educação de Infância, onde foram realizados dois estágios de supervisão da prática pedagógica nas valências de creche e jardim de infância.

Este relatório tem como finalidade a descrição das vivências mais importantes durante a minha intervenção educativa. Durante os dois estágios realizados fiz observações e registos semanais que me ajudaram a perceber a gestão do grupo, assim como, o funcionamento do ambiente educativo. Poder estagiar em dois contextos completamente diferentes levou-me a conhecer estas duas realidades distintas, os métodos e uma panóplia de atividades que me ajudaram a enriquecer o meu desenvolvimento profissional.

O tema escolhido para este relatório “*A avaliação na creche e no jardim de infância*”, resultou das observações e das dificuldades sentidas no decorrer dos dois estágios, daí o interesse em pesquisar e aprofundar mais acerca deste tema. Embora a questão da avaliação antigamente não era muito abordada pelos profissionais da educação, hoje em dia é um assunto que está em constante debate, pois a avaliação na educação de infância surge como um fator importante no processo ensino/aprendizagem das crianças. Os educadores têm um grande desafio, quando conhecem as suas crianças e têm a capacidade de compreenderem o seu desenvolvimento e as suas aprendizagens. Neste sentido, existe uma maior preocupação por parte dos educadores em observar e avaliar as suas crianças, pois deste modo conseguem perceber em que grau de desenvolvimento se encontram e as suas dificuldades, podendo assim melhorar também as suas práticas educativas.

A avaliação na educação de infância, sendo esta um ato pedagógico, deve incluir todos os intervenientes, sendo uma base de reflexão para a melhoria das suas práticas. Desta forma, a avaliação é vista como um processo importante regulador da atividade educativa, pois é através da avaliação e reflexão/análise da prática educativa que se pode reformular e reorientar as práticas educativas, melhorando a qualidade das aprendizagens.

Em 1997, o Ministério da Educação implementou as Orientações Curriculares, acerca desta temática (avaliação), onde os educadores começaram a atribuir mais importância no que toca à avaliação, assim como a este nível de ensino: jardim de infância. Para a creche não existem nenhuma orientações, há apenas orientações da segurança social, não do ministério da Educação. Ponderadamente a lei Quadro do

Ensino pré-Escolar (lei nº. 5/97 de 10 de fevereiro), que referencia a educação pré-escolar como a primeira etapa da educação básica.

Esta evolução veio reforçar a necessidade de uma maior valorização do trabalho pedagógico desenvolvido na educação de infância levada à necessidade de ser dada mais atenção à avaliação deste trabalho.

Posteriormente a publicação do perfil específico de desempenho profissional do educador de infância e do professor do 1º ciclo (decreto-lei nº.241/2001 de 30 de agosto) e as circulares nº 17/DSDC/DEPEB/2007 – Gestão do currículo no pré-escolar e a nº. 4/DGIDC/DSDC/2011- avaliação na educação pré-escolar que vieram também clarificar aspetos relativos ao papel do educador na avaliação. Mas refiro-me ao trabalho em jardim de infância. Para a creche (crianças com menos de 3 anos) continua sem existir orientações pedagógicas claras. Neste contexto estudar a avaliação surgiu como prioridade pois parece-me ser a base para desenvolver práticas educativas de qualidade, sendo também uma das áreas em que tenho mais dificuldade.

A estrutura deste relatório de estágio encontra-se organizado por duas partes. A primeira parte refere-se à contextualização da prática profissional, que engloba a caracterização dos estágios realizados nas valências de creche e jardim de infância. É ainda salientado o percurso de desenvolvimento profissional, que abarca a autoavaliação/autodiagnóstico; as dificuldades sentidas; os aspetos positivos e negativos e ainda uma breve síntese das reflexões realizadas ao longo dos estágios pela investigadora.

A segunda parte diz respeito à questão estudada relativa à avaliação na creche e no jardim de infância, o trabalho de pesquisa, os objetivos e questões orientadoras e opções metodológicas, seguida da fundamentação teórica que mostra uma visão geral do que se entende por avaliação na creche e no jardim de infância, salientando de seguida as suas finalidades e funções, assim como as estratégias utilizadas pelo educador. E, por outro lado é apresentado a especificidade da avaliação na educação de infância, que engloba o desenvolvimento curricular e as orientações curriculares em Portugal. Segue-se o trabalho de pesquisa realizado e os dados recolhidos, e a análise dos resultados obtidos e as principais conclusões.

Por último a síntese e considerações, seguida da reflexão final, referências bibliográficas e legislativas.

Parte I – Contextos de Estágio

Caraterização do Contexto de Creche

O estágio em contexto de creche foi realizado numa Instituição Particular de Solidariedade Social, situada em Santarém sem fins lucrativos. A Instituição é constituída por duas valências de Creche, uma de Pré-Escolar, o Departamento de Recursos Humanos e o Departamento Administrativo.

Esta instituição é constituída por duas valências de creches (creche 1 e creche 2) e pré-escolar. A creche tem uma frequência de setenta e nove crianças entre o berçário, a sala de um/dois anos e a sala de dois/três anos, enquanto que o Pré-Escolar tem uma frequência de cento e quarenta e oito crianças entre a sala de três/quatro anos, a sala de quatro/cinco anos e a sala de cinco/seis anos.

O horário de funcionamento do estabelecimento é das 08h00 às 19h00, funcionando em período letivo das 08h00 às 13h00 e das 14h00 às 16h00, ou das 08h30m às 13h00 e das 14h00 às 16h30m.

A hora do almoço e do lanche é comum às duas creches, por isso todas as crianças almoçam por volta das 11h00 e lancham às 15h30m. As crianças do pré-escolar fazem as suas refeições um pouco mais tarde. A cozinha localizada no piso inferior, numa das extremidades da Instituição, é um espaço reservado unicamente às funcionárias que ali trabalham, no cumprimento das regras de higiene e segurança necessárias ao bom funcionamento da Instituição. Na parte exterior da Instituição, oposta ao recreio do pré-escolar, encontra-se uma lavandaria e um ginásio.

A entrada da instituição é feita pelo piso do pré-escolar, onde se podem observar alguns placares com informações sobre a instituição, tais como: o horário letivo e das componentes; plano de atividades; ementa; regulamento da creche e do pré-escolar; calendário escolar; o quadro dos funcionários e a tabela de preços aplicada pela Instituição.

Relativamente à creche 1, esta é constituída por três salas bem iluminadas e amplas (berçário, sala de um ano e a sala dos dois anos), um pequeno refeitório/copa que dá o apoio às três salas com dispensa e uma casa de banho para adultos com um pequeno hall e um armário para os funcionários.

No que diz respeito à creche 2 (onde foi realizado o estágio), esta encontra-se dividida em três salas de atividades, arejadas e com boa iluminação natural. Um berçário, uma sala de um ano e uma sala de dois anos. Esta creche também é constituída por uma copa de apoio ao berçário, um refeitório explorado pelas outras duas salas (um e dois anos), uma sala reservada a reuniões utilizada em momentos

específicos, normalmente delineados pela coordenadora ou pelas educadoras, uma casa de banho para adultos, mais precisamente para os funcionários, um gabinete de recursos humanos e uma sala dos funcionários equipada com cacifos e armários para guardar os seus pertences.

A sala de um ano da creche 2 encontra-se estruturada de forma a responder adequadamente ao quotidiano das crianças desta faixa etária. Situa-se no primeiro andar do edifício (lado esquerdo), é uma sala ampla, um pouco pequena para um grupo de catorze crianças, tem poucos recursos mas tem iluminação natural.

À entrada, mais propriamente no corredor que dá acesso à sala berçário, encontra-se uma zona de cabides, onde os encarregados de educação das crianças colocam os seus pertences. Cada criança tem um cabide com o respetivo nome e fotografia, o que facilita o reconhecimento não só dos pais, educadora/auxiliar de ação educativa, como também das próprias crianças, que já sabem onde são colocadas as suas coisas.

Na parede mesmo junto à porta da sala encontram-se dispostos para os encarregados de educação o registo diário das crianças (o nome da criança, quem a trouxe, quem deixou e quem a veio buscar).

Tem uma casa de banho/fraldário envidraçada, devidamente equipada para crianças destas idades, que permite a supervisão do grupo, quando os adultos se encontram a fazer a higiene das crianças.

É composta por uma banheira, uma sanita e três lavatórios, adequados ao tamanho das crianças, umas prateleiras com os respetivos nomes das crianças, onde se colocam os pertences das mesmas, fraldas, cremes, toalhetas, tudo dividido para que o acesso aos mesmos, por parte da educadora e auxiliar, se torne fácil. Tem também outro móvel por baixo do muda fraldas onde estão guardados os restantes pertences.

O Jardim de Infância é composto por seis salas, duas de três/quatro anos, duas de quatro/cinco anos e outras duas para os cinco/seis anos.

O projeto definido pela Instituição intitula-se “*Educar para a vida*”, já o de sala não tem um tema específico, mas tem como princípio fundamental uma construção de relações afetivas que permitam à criança uma segurança emocional. Com esta relação de confiança tenta-se guiar a criança para a construção da sua própria individualidade como pessoa.

Estagiei numa sala de um ano, com um grupo de catorze crianças, sendo nove do gênero masculino e cinco do gênero feminino, com idades compreendidas entre os catorze e vinte e um meses. Existe uma criança que ainda não adquiriu a marcha e

outra que começou a marcha há pouco tempo. As crianças deste grupo pertencem todas à Cidade de Santarém.

O grupo era calmo, bem-disposto e afetivo, com vontade de explorar novas descobertas, não esquecendo o bom relacionamento que existe uns com os outros, nas brincadeiras livres. Brincam todos à exceção de uma criança que costuma estar mais recatada a brincar sozinha, embora às vezes também brinque com os colegas. As brincadeiras preferidas da maior parte das crianças são brincadeiras com bolas, carros, subir e descer para a casinha de plástico e correr de um lado para o outro da sala. As crianças desta sala revelam ainda comportamentos egocêntricos, na medida em que não gostam de partilhar os seus brinquedos, pois nesta fase as crianças ainda se encontram a explorar os espaços da sala, bem como a aprender pequenas regras de convivência. Na hora da refeição a maior parte necessita de algum auxílio do adulto, embora alguns já comecem a ser autónomos a comer. À hora da sesta a maior parte das crianças usam chucha para dormir, outros usam uma fralda, uma usa um peluche e um menino que não usa chucha mas que chucha em dois dedos.

Estas crianças são oriundas maioritariamente de um meio socioeconómico médio alto. De acordo com os dados facultados pela educadora cooperante, constatámos que a maioria dos pais possui o 12º ano. Contudo, as habilitações literárias destes variam entre o 6º ano e a licenciatura. Ao nível do emprego enquadram-se no setor primário, secundário e terciário, sendo a percentagem do terciário ligeiramente superior. Há no entanto dois desempregados.

Tratando-se de um grupo de crianças muito novo (um ano), não faz sentido dividir a sala em áreas. Sendo assim as crianças dispõem de um espaço mais amplo para executarem as suas brincadeiras e poderem explorá-la livremente.

Existe uma mesa redonda, um espelho o que proporciona à criança o conhecimento da autoimagem. No centro encostado à parede existe um tapete grande de espuma onde se reúne o grupo, onde comem o pãozinho pela manhã (9h:30m) onde ouvem a história, ou onde são acolhidos e mimados. A sala também está apetrechada com alguns brinquedos, como carrinhos, bonecos, peças de encaixe, peluches e livros de tecido.



Figura 1 – Área de reunião no tapete

Logo à entrada da sala, na parede do lado esquerdo, encontra-se uma tabela com a rotina das crianças, desde as refeições às necessidades fisiológicas e horas de sono. Contém ainda a coluna das observações, onde são colocadas informações

adicionais, como por exemplo a falta de algum dos bens de primeira necessidade que ficam ao encargo do encarregado de educação (fraldas, cremes, toalhas) ou algum acontecimento fora do normal, como por exemplo a informação de que a criança vomitou. Na parede do lado esquerdo, encontra-se um placard onde são colocados algumas informações como os horários da educadora e da auxiliar.



Figura 2 – Espaço da sala

Na sala ainda existem dois armários, um de suporte aos materiais da educadora (livros, documentos) e um outro onde se guarda a roupa

da cama para a hora da sesta, tudo devidamente separado por prateleiras identificadas.

De acordo com o projeto de sala consultado, constatamos que a metodologia aplicada para a avaliação das crianças será contínua e formativa sem caráter de promoção, nem de classificação da criança e será realizada através de troca de informação diária aos pais, quadro de controle dos diários das rotinas, grelhas de observação e análise de comportamentos e capacidades e o atendimento semanal aos pais.

Eu e a minha colega de estágio definimos um projeto de trabalho, considerando o trabalho caracterizado feito e o projeto já definido pela educadora. Em conversas com a mesma fomos-lhe perguntando o que queria trabalhar e daí surgiu o nosso projeto com o tema “Educar pela Afetividade”.

No projeto implementado no decorrer do estágio foram desenvolvidas algumas áreas específicas, tais como:

- ✓ Área do desenvolvimento sócio-afetivo;
- ✓ Área do desenvolvimento cognitivo;
- ✓ Área do desenvolvimento psicomotor;
- ✓ Área do desenvolvimento pessoal e social.

Tendo o mesmo projeto objetivos dentro das mesmas áreas a desenvolver e a serem atingidos. Este projeto tem como princípio fundamental privilegiar a relação afetiva com as crianças (pais/família/educadora/auxiliar) para isso é essencial que tenhamos sempre presentes a ideia de prolongamento e continuidade de cuidado e estímulos. Pretendemos proporcionar novas experiências às crianças e também de uma certa forma ter a colaboração da família para eventuais atividades.

Partindo do tema implementado “Educar pela afetividade”, ao longo do estágio de intervenção trabalhamos diversos temas com as crianças, como os animais, as texturas, o som dos animais e dos instrumentos musicais, atividades motoras, expressão plástica, o conto de histórias, também histórias com fantoches, onde as crianças tiveram a oportunidade de explorar todos os materiais e poder contatar com diversidade. Na realização das atividades planejadas tentamos ir ao encontro do tema do projeto, assim como os seus objetivos não esquecendo que esteve presente em todas as atividades a afetividade, o envolvimento e o bem-estar das crianças.

No geral as crianças reagiram muito bem às atividades propostas, estando participativas e ativas nas mesmas. Consegui perceber através do envolvimento das crianças o quanto estavam a adorar as atividades e daí foram feitas atividades de aprendizagem ao nível social, físico, motor e cognitivo. Embora houvesse tempo para as atividades, a maior parte da intervenção educativa era dada às rotinas diárias em contexto de creche.

Para a elaboração do nosso projeto baseamo-nos na portaria nº262/2011 de 31 de agosto do Ministério da Solidariedade e da Segurança Social e nos dez princípios educativos para a creche da Gabriela Portugal.

Neste sentido para termos uma boa qualidade de ensino em creche, pretendemos seguir os objetivos fundamentais da creche, mencionados na portaria nº 262/2011 de 31 de Agosto do Ministério da Solidariedade e da Segurança Social:

- a) Facilitar a conciliação da vida familiar e profissional do agregado familiar;
- b) Colaborar com a família numa partilha de cuidados e responsabilidades em todo o processo evolutivo da criança;
- c) Assegurar um atendimento individual e personalizado em função das necessidades específicas de cada criança;
- d) Prevenir e despistar precocemente qualquer inadaptação, deficiência ou situação de risco, assegurando o encaminhamento mais adequado;
- e) Proporcionar condições para o desenvolvimento integral da criança, num ambiente de segurança física e afetiva;
- f) Promover a articulação com outros serviços existentes na comunidade.

Também nos baseamos para a elaboração do nosso projeto nos dez princípios de Gabriela Portugal que são fundamentais para o trabalho em creche e de como deve ser um educador em creche na sua ação educativa. São eles:

Princípio 1	•Envolver as crianças nas coisas que lhes dizem respeito.
Princípio 2	•Investir em tempos de qualidade procurando-se estar completamente disponível para as crianças.
Princípio 3	•Aprender a não subestimar as formas de comunicação únicas de cada criança e ensinar-lhe as suas.
Princípio 4	•Investir tempo e energia para construir uma pessoa total.
Princípio 5	•Respeitar as crianças enquanto pessoas de valor e ajudá-las a reconhecer e a lidar com os seus sentimentos.
Princípio 6	•Ser verdadeiro nos nossos sentimentos relativamente às crianças.
Princípio 7	•Modelar os comportamentos que se pretende ensinar.
Princípio 8	•Reconhecer os problemas como oportunidades de aprendizagem e deixar as crianças tentarem resolver as suas próprias dificuldades.
Princípio 9	•Construir segurança ensinando a confiança.
Princípio 10	•Procurar promover a qualidade do desenvolvimento em cada fase etária, mas não apressar a criança para atingir determinados níveis desenvolvimentais.

Quadro nº.1 – Dez Princípios Educativos em Creche de Gabriela Portugal.

No decorrer deste estágio foram inúmeras as atividades implementadas e exploradas, por forma a proporcionar às crianças novas experiências, assim como a exploração de diversos materiais. Por isso achei pertinente eleger duas das atividades mais significativas implementadas ao longo desta prática pedagógica.

A primeira atividade elegera foi a da exploração da mousse de chocolate, onde as crianças tiveram



Figura 3 – Atividade de exploração da mousse

oportunidade não só de explorar a mousse como também prová-la. Tendo esta atividade como principais finalidades o contato com novos materiais, onde as crianças também puderam ter a oportunidade de explorar, degustar e cheirar a mousse. Como o grupo de crianças era bastante pequeno (um ano), não realizei esta atividade com as crianças todas ao mesmo tempo, realizei-a três a três de cada vez para que fosse dada a atenção individualizada a cada criança. Esta



Figura 4 – Atividade de exploração da mousse.

atividade realizou-se na copa da creche, porque era onde existiam as condições necessárias para a execução da mesma. A atividade procedeu-se da seguinte maneira: sentava as crianças à mesa com uma bata lavável, depois colocava-lhes um pedaço de mousse de chocolate à frente e incentivava-as a mexerem com as mãos. Ao longo da exploração da mousse de chocolate, pude observar que existiram crianças que adoraram e deliciaram-se a explorar e a provar a mousse, no entanto houve outras que nem sequer quiseram tocar na mousse, talvez por esta ser mole e sentirem as mãos sujas. Outras crianças tocaram na mousse mas não quiseram provar. Foi fascinante ver as caras de contentes das crianças no decorrer da atividade, algumas até nem queriam sair da mesa e pediam mais mousse.

A segunda atividade que achei significativa, porque através da mesma as crianças adquiriram conhecimentos variados em relação aos animais. A atividade foi a exploração dos animais através de cartões, onde as crianças tinham que identificar os animais que estavam presentes em cada cartão e depois tinham que fazer o seu som. Em primeiro lugar, à medida que ia mostrando cada cartão, ia dizendo o seu nome e fazendo o seu som, só depois perguntava às crianças de que animal se tratava e para fazerem o seu som. As crianças gostaram imenso desta atividade, porque além de gostarem bastante



Figura 5 – Atividade de identificação dos animais nos cartões.

de animais também foi uma atividade que lhes despertou bastante interesse. No decorrer da atividade as crianças estiveram atentas e muito motivadas para a mesma. A maioria das crianças identificou os animais que estavam presentes nos cartões e também souberam fazer os seus sons. Após ter feito esta exploração dos animais com as crianças, a educadora cooperante pediu-me para colocar os mesmos cartões no

placard do corredor, e cada vez que lá passavam as crianças quando iam para o almoço, olhavam para o placard e começavam logo a fazer o som dos animais.

Relativamente ao meu percurso de aprendizagem destaco como aspetos mais positivos a fácil adaptação ao contexto, a gestão do grupo, os laços afetivos estabelecidos com as crianças, a diversidade de atividades e a aquisição de novas aprendizagens. Como aspetos menos positivos destaco a avaliação das atividades e do projeto.

Caraterização do Contexto de Jardim de Infância

O estágio em contexto de jardim de infância foi realizado num Jardim de Infância da rede pública que pertence ao estabelecimento de ensino do Ministério da Educação perto de Santarém.

O Núcleo Escolar é constituído por uma Escola do 1ºCiclo do Ensino Básico e pelo jardim de infância. O jardim de infância tem duas salas de aula, um recreio com um alpendre para o recolhimento das crianças em dias de chuva e uma “Sala de Pedra” para as Atividades Extra Curriculares.

A nível de pessoal é composto por uma Educadora de Infância e duas Assistentes Operacionais. Uma das Assistentes Operacionais está mais direcionada para as atividades com a Educadora e a outra para os almoços e atividades livres da componente de apoio à família. O horário de funcionamento do Jardim de Infância é de 9h15 diárias, abrindo às 8h15 e encerrando às 17h30.

No que concerne à organização das atividades e rotinas, o horário das crianças está organizado da seguinte maneira: todos os dias, da parte da manhã, das 8h15 às 9h00 acolhimento da manhã, das 9h00 às 9h30 a canção do bom dia e a marcação de presenças, das 9h30 às 10h15 a conversa com as crianças sobre o dia anterior e atividades orientadas, das 10h15 às 11h00 a higiene, o lanche e brincadeira livre, das 11h00 às 12h00 as atividades orientadas, das 12h00 às 13h15 o almoço e brincadeira livre; da parte da tarde das 13h15 às 15h15 a conversa com as crianças, atividades orientadas, atividades livres e avaliação do dia, às 15h15 é o acolhimento da tarde/saída das crianças e das 15h15 às 17h30 é o prolongamento para as crianças que têm apoio à família.

Quanto ao nível sociocultural do agregado familiar, de um modo geral têm o 9ºano e o 12º ano. A maioria dos Encarregados de Educação está no ativo. No entanto ainda existem alguns desempregados. A instituição privilegia e considera necessária uma boa relação com os Encarregados de Educação pois é essencial para o desenvolvimento das crianças no contexto educativo, permitindo assim realizar um trabalho de qualidade. Deste modo, no final de cada período letivo é realizada uma reunião com os Encarregados de Educação para discutir o desenrolar das atividades educativas. Neste sentido a educadora sempre que possível atende os Encarregados de Educação para esclarecimento de dúvidas ou assuntos relacionados com os educandos ou com o funcionamento interno.

O jardim de infância tem capacidade para vinte e cinco crianças com idades compreendidas entre os três anos e a idade de ingresso no 1ºCiclo do Ensino Básico.

Nesta instituição existe apenas uma sala de atividades com frequência de dezanove crianças.

O jardim de infância tem uma sala de atividades e uma sala polivalente que é utilizada como cantina de todos os alunos do Núcleo e algumas atividades que ocorrem durante o período de prolongamento/apoio às famílias das crianças em idade pré-escolar. Ainda no espaço interior existem duas casas de banho, uma para as crianças do jardim de infância e outra para os adultos/crianças do 1ºCiclo do Ensino Básico nas horas das refeições, uma sala para as crianças quando estão doentes que têm que esperar pelos Encarregados de Educação, uma despensa onde são guardados todos os materiais necessários para a realização das atividades e uma sala para os trabalhos administrativos e eventuais reuniões individuais com os Encarregados de Educação. O espaço exterior do jardim de infância está todo vedado com armação própria para edifícios escolares e tem diferentes pisos para as diferentes atividades. É constituído por uma caixa de areia, um escorrega, uma casinha, triciclos e durante o verão é colocada uma piscina onde as crianças passam os dias.

O grupo de crianças com que trabalhei é curioso, interessado e com bastante conhecimento. Devido a uma grande estimulação por parte da educadora cooperante qualquer novo tema que seja introduzido suscita bastante curiosidade e interesse nas crianças por saber mais. No entanto este grupo gosta de realizar jogos de mesa tanto individuais como em pequenos grupos. Uma das grandes qualidades deste grupo de crianças é a entreaajuda pois devido às diferentes idades é de notar a ajuda entre as crianças de 5/6 anos e as crianças de 3/4 anos nas atividades de grande grupo. Esta característica é também incentivada pela educadora cooperante quando nestas atividades coloca as mesas em “U” e, intercaladas, senta uma criança mais velha e mais nova para que os mais novos possam ver como fazem os mais velhos e estes possam ajudar as outras crianças. Este grupo procura a autonomia dentro e fora da sala, são alegres e dinâmicas.

O Projeto Educativo da instituição é comum a todo o agrupamento a que pertence este jardim de infância. O projeto em si aborda os princípios gerais e finalidades da escola, incluindo a sua identificação e caracterização. Abordando também a proveniência dos alunos do ensino básico e secundário; a comunidade educativa; a organização e a administração da escola. Posteriormente faz referência à autoavaliação com o projeto educativo, tais como as finalidades do mesmo e a sua avaliação.

No entanto é de referir que o projeto educativo da instituição não faz qualquer tipo de referência aos jardins de infância, nomeadamente ao jardim de infância onde estagiei. Esta não referência deve-se ao facto de o Projeto Educativo estar em

construção. Assim sendo, as educadoras continuam a guiar-se pelo antigo do agrupamento.

A Sala de jardim de infância onde estagiei iniciou o ano com dezanove crianças mas por razões familiares está agora a ser frequentado por dezasseis crianças, sendo que uma delas tem Necessidades Educativas Especiais. A sala é composta por seis crianças do sexo feminino e dez do sexo masculino com idades compreendidas entre os três e os seis anos. Das dezasseis crianças, seis participam nas atividades de componente de apoio à família como forma de prolongamento de horário após a componente de desenvolvimento curricular.

A sala de atividades é composta por várias áreas nomeadamente a área do tapete com várias almofadas, a área da biblioteca, a área da casinha, da pintura com um quadro de ardósia e um cavalete, das construções com legos e jogos de encaixe, dos jogos de mesa, dos computadores, a área de trabalho e dos materiais de expressão plástica como por exemplo: lápis, canetas, tesouras, colas, entre outros. A sala ainda tem vários placards nas paredes onde são expostos os trabalhos das crianças. Poderão surgir outras áreas com base nas necessidades das crianças.



Figura 6 – Área da Biblioteca

Os materiais presentes na sala estão visíveis e acessíveis às crianças, pelo que estas têm a responsabilidade de os arrumar após a sua utilização e de os preservar. Segundo a educadora, a sala é renovada e redecorada com trabalhos elaborados pelas crianças sempre que se realizam novos trabalhos e no início de novos temas.



Figura 7 – Área do Tapete

O Projeto de Trabalho de grupo implementado pela educadora cooperante tem como função cumprir três grandes objetivos: delinear a política educativa orientadora de toda a atividade a desenvolver no jardim de infância; desenvolver situações de projeto, integradoras dos conteúdos recomendados pelas orientações curriculares, de forma a procurar criar condições para a aquisição de competências das crianças, em função dos indicadores do processo de avaliação dos alunos em idade pré-escolar e integrar dados da comunidade educativa nos conteúdos do currículo, aprofundando saberes da vida ativa que são fundamentais para o desenvolvimento cognitivo das crianças, em idade pré-escolar. De acordo com o projeto educativo de turma valoriza-se uma perspetiva

sistêmica da educação em que o desenvolvimento da criança ocorre numa dinâmica formal e informal, fazendo com que o meio seja uma fonte de conhecimentos de modo a influenciar novas formas de estar e pensar no ato educativo. Pretende-se que este projeto de trabalho de grupo contribua para diferentes formas de socialização da criança, proporcionando-lhe diferentes aprendizagens.

O trabalho pedagógico que é feito com as crianças deve ser gerido em função dos interesses do grupo e alimentado com situações experienciais diversificadas, por isso é feito todo um trabalho no sentido de socialização com o grupo de crianças do 1º ciclo do ensino básico, adultos da comunidade educativa, principalmente as famílias, através de situações lúdico pedagógicas a vivenciar fora da comunidade.

Neste sentido a educadora da sala pretende desenvolver na vida escolar, oportunidades para as crianças exercerem a sua capacidade de iniciativa através das atividades que são geridas e desenvolvidas pelas mesmas. Além disso, desenvolver hábitos de solidariedade através de tarefas de grupo e de atividades entre faixas etárias diversificadas. Desenvolver ainda objetivos convergentes com as aprendizagens que são necessárias para um bom sucesso no 1º ciclo. Para isso, a educadora cooperante promove encontros entre alunos do pré-escolar e do 1º ciclo visando uma melhor integração das crianças que vão ingressar no 1º ciclo.

Segundo o projeto de trabalho de grupo, a educadora definiu alguns temas que pretende trabalhar com as crianças ao longo do ano letivo, nomeadamente, pessoas, água, plantas, animais domésticos, animais selvagens, estações do ano, não se brinca com a saúde, é divertido ler, descobrir a matemática, experimentar ciência e pequenos grandes artistas. Para além disso, a educadora tem planificações dos três períodos com os temas e os objetivos que pretende trabalhar em cada um deles. Assim sendo, no 1º período a educadora trabalhou o tema pessoas, a água e pequenos grandes artistas. No 2º período trabalhou os animais selvagens e quando nós, estagiárias, iniciámos o estágio começámos a trabalhar as plantas. No 3º e último período trabalhamos o meio ambiente, os animais da quinta e as estações do ano. Alguns dos temas que a educadora pretendia trabalhar estavam incluídos ao longo dos três períodos tais como o descobrir a matemática, experimentar a ciência, é divertido ler e não se brinca com a saúde.

Posteriormente este trabalho que é desenvolvido com as crianças também abrange atividades com as famílias e com o centro de dia. A participação das famílias nas atividades educativas dos seus filhos é fundamental pois poder-se-á discutir formas de intervenção, criar condições de aprendizagem inovadoras para operacionalizar diferentes atividades educativas para as crianças. Nesse sentido são realizados encontros regulares no jardim de infância com os encarregados de

educação, dando o seu contributo nas discussões a ter sobre o desenrolar das atividades educativas. As atividades com o centro de dia vêm ao encontro de haver já um trabalho efetuado em anos anteriores, daí dar continuidade a atividades que tenham por objetivo encontros entre os mais novos e os mais idosos. Para isso são feitas várias visitas ao centro de dia, no sentido de haver momentos de animação junto dos idosos.

Para definirmos o nosso projeto, tivemos conversas com a nossa educadora cooperante para sabermos o que queria desenvolver com as crianças. Após essas conversas a educadora cooperante sugeriu-nos que seguíssemos os temas definidos nas suas planificações. Assim, surgiu o tema do nosso projeto “*À Descoberta do Meio*”, porque segundo o projeto definido pela educadora cooperante, as opções curriculares têm como objetivo desenvolver dinâmicas educativas que possuem questões que se prendem com a qualidade do meio ambiente, cuidados a ter para evitar o aumento de poluição e evitar consumos exagerados que conduzem a altos índices de desperdício, entre outros. Daí a escolha para este tema, porque o que se têm vindo a desenvolver com as crianças até agora são conteúdos que têm a ver com o meio, e a partir daí podemos abranger os vários temas que a educadora cooperante quer que desenvolvamos. Deste modo pretendemos trabalhar as plantas, o meio ambiente e os animais.

O nosso projeto intitulado “*À Descoberta do Meio*” teve como principais objetivos gerais:

- ✓ Promover momentos de interação incentivando a cooperação, a partilha e o respeito pelo outro;
- ✓ Promover a apreciação e o respeito pela natureza e pelo meio ambiente, favorecendo na criança a curiosidade natural e o desejo de saber;
- ✓ Estimular o desenvolvimento global da criança, no respeito pelas suas características individuais, incutindo comportamentos que favoreçam aprendizagens significativas e diversificadas;
- ✓ Sensibilizar para questões ambientais nomeadamente a preservação das espécies e proteção do planeta prevenindo poluições.

De acordo com os objetivos que definimos para o nosso projeto consideramos que conseguimos que as crianças atingissem todos esses mesmos objetivos. O nosso principal objetivo foi incentivar as crianças a olhar para o meio e ao mesmo tempo explorar tudo o que as rodeia. Pretendemos desta forma despertar-lhes o gosto de

descobrir e experimentar várias atividades e conhecimentos, por forma a enriquecerem as suas aprendizagens, assim como o seu desenvolvimento.

No decorrer das atividades propostas por nós, as crianças estiveram sempre motivadas e empenhadas na realização das mesmas, sempre dispostas a participar e a darem a sua opinião acerca dos vários temas que foram abordados ao longo da prática pedagógica. Também não esquecemos ao longo do estágio aceitar as ideias que foram propostas pelas crianças. Além de termos atividades planificadas para as crianças, também lhes demos a oportunidade de terem momentos de atividades livres, por forma a explorarem livremente os materiais dispostos na sala.

Para definirmos o nosso projeto guiámo-nos primordialmente pelo projeto da nossa educadora cooperante, mas também pelas Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (Ministério da Educação, 1997) e nas metas de aprendizagem que foram estabelecidas pelo Ministério da Educação para a educação pré-escolar (2010).

No decorrer deste estágio foram inúmeras as atividades e os temas implementados e explorados, por forma a proporcionar às crianças novas experiências, assim como adquirirem vários conhecimentos. Por isso achei pertinente elegei duas das atividades mais significativas implementadas ao longo desta prática pedagógica. Este estágio sendo ele no contexto de jardim de infância, foi mais rigoroso e trabalhoso, porque além de ter um grupo heterogéneo, também tinha crianças que no próximo ano iam dar entrada no 1º ciclo do ensino básico, daí tinha que ter em conta os conteúdos que iria abordar para não os induzir em erro.

A primeira atividade abordada neste contexto baseou-se no tema das plantas. Como este tema é um pouco complexo, comecei pela base, perguntando às crianças na reunião de grande grupo se sabiam: como nasciam as plantas; como eram as plantas; quais as partes das plantas; como vivem as plantas e o que é que elas precisavam para crescerem saudáveis. Após este diálogo apresentei ao grupo das crianças de 5/6



Figura 8 – Desenhos da pesquisa das plantas nos livros (crianças 5/6 anos)

anos vários livros, onde estes tinham que ir pesquisar como eram as plantas e que partes faziam da mesma, além disto, também lhes pedi para pesquisarem uma paisagem com várias flores para depois fazerem o respetivo registo. Enquanto o grupo dos mais velhos ia fazer a pesquisa nos livros, o grupo das crianças de 3/4 anos iriam fazer o desenho de um girassol com base na história: “Pipo e da Gigi” que a

educadora cooperante lhes tinha contado. Esta atividade levou com que as crianças registassem no papel a sua imaginação através daquilo que pesquisaram, assim como adquirirem vários conhecimentos acerca do tema das plantas. Ao longo desta atividade e principalmente na reunião do tapete, as crianças estiveram participativas dando o seu contributo ao diálogo e de certa forma também dando a sua opinião. É de salientar que este grupo tem um elevado grau de



Figura 9 – Desenhos do girassol baseado na história: "Pipo e da Gigi" (crianças 3/4 anos)

conhecimentos não só acerca desta temática mas também de outras. Este aspeto deve-se ao facto da educadora cooperante os estimular e a maneira como aborda os diversos temas, não se restringindo somente ao tema em si, mas aprofundando mais com termos complexos, contribuindo assim que as crianças adquiram um vasto leque de vocabulário. As crianças conseguiram executar o que lhes foi pedido, com bastante criatividade e concentração.

Outra atividade ainda relacionada com este tema foi quando lhes apresentei uma "amor-perfeito", para observarem com a lupa, os vários constituintes da flor. Depois de a observarem, retirei mesma do vaso para as crianças observarem as raízes que estavam agarradas à terra. Este procedimento levou com que as crianças comparassem os vários constituintes da planta "amor-perfeito" com o que observaram nos livros. Feita esta exploração fomos transplantar a planta para o canteiro que estava no exterior. Todas as crianças participaram ativamente nesta atividade e preocupados nos dias seguintes, ao verem a evolução das plantas.

Relativamente ao meu percurso de aprendizagem destaco como aspetos mais positivos o bom relacionamento com as crianças, o dinamismo em intervir, a aquisição de novas aprendizagens e saberes e os momentos de interação com as crianças quer nas brincadeiras quer nos momentos de trabalho. Como aspetos menos positivos destaco a gestão do grupo e do tempo, dificuldade em avaliar as atividades e ainda a dificuldade em arranjar atividades que estivessem de acordo com o tema a trabalhar. Na gestão do grupo, ao início foi um pouco difícil, pois não saberia se trabalhavam todos ao mesmo tempo ou não, se as atividades eram iguais para todos. Mas com o evoluir do tempo de intervenção estes aspetos foram melhorando.

Percurso de Desenvolvimento Profissional

Autoavaliação/autodiagnóstico

No decorrer dos dois estágios de intervenção, embora sendo estes de valências distintas (creche e jardim de infância), correram significativamente bem, superando as expectativas.

No estágio na valência de creche, durante a semana de observação pude conversar com a educadora cooperante, para obter informações acerca dos interesses, necessidades e comportamentos do grupo. Durante a semana de observação, a minha primeira questão baseou-se no tipo de atividades que iria inserir na valência de creche, mais precisamente numa sala de um ano. Ainda no decorrer do período da observação, pude interagir com todas as crianças o que fez com que elas se sentissem mais libertas. Também pude ficar a conhecê-las melhor individualmente, nos momentos de brincadeira, como se relacionam quer com as outras crianças quer com os adultos presentes na sala, o que gostavam mais de fazer, com que brinquedos se identificavam mais. Nesta semana de observação também tive a oportunidade, de observar qual a postura adotada, pela educadora cooperante dentro da sala, que estratégias utilizava e como é que os momentos de rotina eram geridos.

No que respeita à autoavaliação como referi anteriormente o meu desempenho no decorrer do estágio foi bom, superando as minhas expectativas. Demonstrei sempre interesse em ajudar no que era preciso e sempre motivada em saber o que se passava dentro da sala, por vezes arranjando soluções para que as atividades corressesem bem. Do feedback que foi dado pela educadora cooperante, esta também ficou bastante contente com o meu desempenho em estágio, mostrando interesse em ajudar nas dúvidas que tivéssemos, assim como dando a sua opinião acerca das atividades a implementar. O meu envolvimento com as crianças e com o pessoal da instituição foi ótimo, as crianças adoraram a minha presença, sentindo-se à vontade. O fato de as crianças terem tido logo uma empatia muito forte comigo, foi uma mais-valia para me sentir bem comigo mesma.

As crianças aceitaram bem a minha presença na sala, tanto que a demonstraram em vários momentos: nos momentos em que chegava à sala e iam a correr para mim com um sorriso na cara; nos momentos de acolhimento vinham sempre bem dispostas a entrar na sala; nos momentos de rotina; nos momentos das atividades que lhes eram propostas em que participavam com entusiasmo e

participativas e nos momentos de brincadeira livre onde dançávamos, cantávamos e brincávamos na sala.

Colaborei sempre nos eventos que estavam estabelecidos pela instituição, nomeadamente com a minha presença na reunião de pais e também na festa de natal a convite da educadora cooperante.

Com este estágio em contexto de creche realizei muitas conquistas, nomeadamente ao nível do meu desempenho, mas também a autonomia que tive para gerir o grupo de crianças, fez com que me sentisse à vontade na sala e na realização de todos os momentos. Senti-me à altura para estar com o grupo, quando a educadora cooperante tinha alguma reunião ou se ausentava por breves momentos. Não esquecendo que estabeleci uma boa relação com todas as crianças do grupo, tendo sido um aspeto onde atingi um maior nível de competência.

As minhas dificuldades no decorrer deste estágio em creche foram em relação à elaboração do projeto de sala, visto que nunca tinha elaborado nenhum e também ao nível das avaliações das crianças. Por isso senti a necessidade de realizar algumas leituras, acerca das dificuldades que senti.

De acordo com as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar o educador para avaliar a sua ação deve observar e registar os progressos e evolução das crianças, assim como as suas dificuldades, por forma a poder adequar o processo educativo às necessidades das mesmas, permitindo assim a progressão das aprendizagens a desenvolver por cada crianças. Neste sentido torna-se indispensável avaliar todos estes processos, sendo a avaliação o suporte do planeamento. Por isso a avaliação é um instrumento fundamental para percebermos se os nossos objetivos que pretendemos desenvolver com as crianças são atingidos ou não.

Já no perfil específico de desempenho profissional do educador de infância, é referido que o educador “avalia, numa perspetiva formativa, a sua intervenção, o ambiente e os processos educativos adotados, bem como o desenvolvimento e as aprendizagens de cada criança e do grupo” (anexo nº 1, alínea e), ponto 3, Capítulo II).

Nas atividades que planifiquei tentei desenvolver e promover novas aprendizagens nas crianças. Por isso quando terminava cada atividade, fazia uma análise, ou seja, refletia sobre o meu desempenho no decorrer da mesma, na forma como tinha decorrido a atividade, se as crianças estiveram motivadas e participativas, as aprendizagens que as crianças adquiriram e também no meu desempenho, se os materiais que escolhi se eram os adequados ou não para a atividade, e onde é que poderia melhorar a minha intervenção.

Em relação ao estágio em contexto de jardim de infância posso considerar que foi um pouco diferente, talvez por ser a primeira vez que estive a estagiar com um grupo de várias idades. Pensei logo que o meu desempenho teria que ser outro no que respeita as atividades que teria que planificar para cada idade que estava inserida no grupo.

Como referi anteriormente no estágio em contexto de creche, também no jardim de infância a minha integração no ambiente educativo também foi boa, fui bem recebida quer pela educadora cooperante quer pelas auxiliares da sala. Demonstrei sempre interesse em ajudar e participar no que fosse necessário. As crianças receberam-me bem, havendo logo uma empatia forte por parte das crianças. A educadora cooperante fez questão de nos apresentar às crianças, dizendo-lhes que eramos estagiárias e que iríamos trabalhar com eles.

Ao longo da semana de observação, pude observar como a educadora cooperante fazia a gestão do grupo, como abordava os diversos temas e principalmente como distribuía trabalhos para as diferentes idades. Também conversei com a educadora cooperante acerca dessa questão, se as atividades eram iguais para todos ou se eram diferentes. Com a resposta da educadora cooperante percebi que o tema das atividades era o mesmo para todas as crianças, mas depois tinha-se que adequar essas mesma atividades de acordo com as várias faixas etárias do grupo.

Confesso que ao início foi um pouco complicado, talvez por nunca ter estado a estagiar com um grupo de diferentes idades, por isso a gestão do grupo ao início não foi fácil. Fui a primeira a intervir. Na semana antes da minha intervenção conversei com a educadora cooperante para me pôr a par do que esta queria desenvolver com as crianças. Percebi que a educadora cooperante com que estava a estagiar trabalhava por temas e não por atividades “soltas”, por isso incentivou-me a começar pelo tema das plantas. Na minha primeira semana estava bastante ansiosa e expetante para ver se conseguia captar a atenção de todas as crianças. Foi uma semana que tive o auxílio constante da educadora cooperante, para me dar uma ajuda quer na gestão do tempo e do grupo, quer no desenvolver do tema. Uma das dificuldades que senti no estágio em contexto de jardim de infância foi ao nível das atividades, pois teria que planificar atividades para os dias todos da semana.

Em relação às atividades foi um pouco difícil arranjar várias atividades que estivessem de acordo com o tema, e que se adequassem às várias faixas etárias do grupo. Um outro aspeto que me chamou a atenção foi o facto da educadora cooperante trabalhar muito à base de fichas, achei estranho, talvez por nunca ter trabalhado com nenhuma educadora que trabalhasse à base de fichas. Foi um desafio para mim também procurar e elaborar algumas das fichas para implementar com as

crianças. A educadora cooperante queria ver sempre as fichas para ver se estavam bem elaboradas. Algumas das primeiras fichas que implementei tive a noção que quando as crianças a estavam a executar eram fáceis de mais, pois queriam uma atividade mais complexa. Ao início como referi anteriormente não foi fácil a gestão do grupo, nomeadamente no que refere à organização do grupo no momento de executar as atividades por ser um grupo heterogéneo. Questionei-me de como iria dividir o grupo para trabalhar e conseguir dar atenção a todas as crianças, se quando estava a trabalhar com um grupo, as outras crianças iriam para as áreas brincar ou se trabalhava com o grupo todo.

Um dos aspetos positivos que retiro deste estágio foi quando a educadora cooperante nos chamava à atenção quando estávamos a intervir sempre que algo não estava correto, para não estarmos a induzir as crianças em erro. Foi importante o auxílio da educadora para me ajudar a refletir sobre a minha prática, porque aconteceu que em dias tinha planeado atividades para fazer com o grupo todo, e ela como já conhecia melhor o grupo disse-me para fazer primeiro com o grupo dos mais velhos e depois com o grupo dos mais novos porque senão iria dar confusão e era mais difícil para mim controlar e dar atenção a todas as crianças do grupo. Fui ultrapassando esta dificuldade que senti, pois através da observação e do conhecimento que fui adquirindo ao longo da prática acerca do grupo, fez com que organizasse e planificasse as atividades por forma a que todas as crianças do grupo estivessem envolvidas no contexto educativo, realizando atividades em grande grupo, pequeno grupo e individuais.

Neste contexto de jardim de infância dei bastante importância aos momentos de brincadeira livre no exterior, onde as crianças podem dar largas à sua imaginação para as mais variadas brincadeiras. Porque é através das interações criança/criança no decorrer das brincadeiras, que o educador se apercebe quais os interesses das crianças e as suas motivações, pois através de uma simples brincadeira do exterior poderá surgir atividades a desenvolver sobre temas dos interesses das crianças.

Valorizei também os momentos de reunião no tapete, onde pela manhã dialogávamos sobre acontecimentos vividos no quotidiano das crianças, por esta razão tentei dar sempre a sua vez de falar a cada criança para intervir, dando a sua opinião, partilhando os seus conhecimentos com as outras crianças, fazendo questões... Nestes momentos em que as crianças podem dar o seu contributo e expor os seus conhecimentos e opiniões, faz com que as mesmas se sintam confiantes e ativas na sala partilhando os seus saberes com as outras crianças, que de certa forma serve para o grupo enriquecer o seu vocabulário.

Parte II

Trabalho de Pesquisa

A minha questão que surgiu no estágio em contexto de creche prendeu-se principalmente com a questão da avaliação, de que forma se realiza a avaliação em creche, principalmente com idades tão pequenas (um ano), o que avaliar, como avaliar.

Referente a isto efetuei várias leituras referentes à avaliação em creche (embora haja pouca documentação), onde percebi que para se avaliar tem-se que observar, escutar e registar o que a criança faz e executa, para mais tarde se poder refletir sobre o observado. Na creche o educador tem de ser um bom observador para poder observar tudo o que se passa em torno da criança e do meio que a rodeia, para poder fazer os seus registos e de certa forma para podê-los comparar com outros para ver a evolução das crianças.

Em contexto de jardim de infância, surgiram outras questões no que respeita à organização do grupo, se trabalhava com o grupo todo ao mesmo tempo ou por faixas etárias. Nas minhas primeiras semanas de intervenção houve atividades que trabalhei com o grupo todo, o que depois me levou a refletir que não seria a melhor opção, pois não conseguia dar atenção de igual forma a todas as crianças e assim tornava-se mais complicado gerir o grupo. Por isso resolvi trabalhar por grupos e assim consegui dar a atenção necessária a todas as crianças.

Outra situação que me suscitou alguma dificuldade foi ao nível da planificação, tinha dias que planificava demasiado deixando as crianças com pouco tempo livre para brincarem, o que me levou a refletir que as crianças se sentiam cansadas ao longo do dia pois precisavam de momentos livres para brincar.

Na primeira semana de intervenção, a educadora pediu-me para introduzir um tema, e aí eu fiquei sem saber o que fazer. Embora tivesse sempre as atividades planeadas que queria implementar, havia sempre coisas que me escapavam. Como por exemplo quando implementei uma atividade em que era necessário as crianças fazerem uma pesquisa em livros, por vezes não os tinha preparados para se proceder à pesquisa. Foi então com o apoio da educadora cooperante que aprendi que se deve ter sempre as coisas muito bem pensadas e preparar sempre o material necessário para as implementações das atividades antes de as executar. Ao início não foi fácil, mas com o tempo fui melhorando o meu desempenho ao longo da prática sendo elogiada pela educadora.

Senti que progredi ao nível da planificação e ao nível da minha intervenção pedagógica, tive a noção que para alguns dos dias planificava em demasia, o que na prática me levou a refletir que as crianças ficavam cansadas, tendo necessidade de mais atividades livres. Após ter tido este feedback também por parte da educadora comecei a não subcarregar as minhas semanas de intervenção, havendo também espaço para as crianças terem atividades sem orientação por parte do adulto. Saliento que cheguei a um certo ponto da minha prática que estava preocupada, porque a educadora referia que me achava muito “verde”, em relação ao trabalho que estava a desempenhar, no entanto para colmatar esta dificuldade fui aperfeiçoando os meus saberes, fazendo pesquisas e leituras acerca dos temas que iria abordar com as crianças.

Já quase no final do estágio, já estava mais liberta e mais à vontade na abordagem dos temas que trabalhava, a educadora também fez questão de referir este aspeto e que quando estamos a acabar era quando devíamos estar a começar.

A minha questão principal é no que refere à avaliação, pois sinto dificuldade no ato de avaliar, as aprendizagens das crianças. No entanto a avaliação do meu trabalho a nível da planificação tornou mais fácil esta tarefa, porque no desempenho que as crianças têm no decorrer das atividades, observa-se se as crianças os alcançaram e se sentiram algum tipo de dificuldades.

Objetivos e Questões Orientadoras

Como a temática da avaliação é um tema bastante discutido e dada a sua relevância uma educação de qualidade importa compreender quais as finalidades e práticas sobre a avaliação que os educadores de infância utilizam, contribuindo assim de certa forma para uma melhoria das suas práticas profissionais e pedagógicas.

A questão de pesquisa para este estudo baseia-se na Avaliação na Creche e no Jardim de Infância. Para esta investigação irão ser feitas entrevistas a várias educadoras, ouvindo os seus testemunhos profissionais das com vista a estudar as suas práticas de avaliação e a sua importância na Creche e no Jardim de Infância.

Esta investigação torna-se importante porque nos leva a refletir até que ponto os educadores participantes neste estudo têm conhecimento do conceito de avaliação e das potencialidades da avaliação para a creche/jardim de infância e para o seu desenvolvimento pessoal e profissional.

Em relação à minha questão de pesquisa, esta baseia-se na avaliação, visto que logo no primeiro estágio realizado em creche senti dificuldade em como iria avaliar as crianças pequenas e também de que certa forma é que a avaliação contribui para a melhoria das práticas educativas.

Desta questão surgiram várias questões que irão conduzir à investigação:

Com que finalidades as educadoras realizam a avaliação?

Quais as práticas avaliativas realizadas pelas educadoras?

Poderá a avaliação ajudar a melhorar o processo educativo?

Neste sentido, foram considerados os seguintes objetivos do estudo:

- ✓ estudar as práticas de avaliação da educadora;
- ✓ estudar como é que a avaliação contribui para a melhoria das práticas educativas.

Opções Metodológicas

A metodologia adotada nesta investigação foi o estudo exploratório, recorrendo à técnica de entrevista semiestruturada a seis educadoras de infância, ouvindo testemunhos de profissionais de educação acerca da temática estudada. Além disso estas entrevistas deram não as respostas pretendidas, mas também uma troca/partilha de conhecimentos entre o investigador e o entrevistado. Porque como refere Vasconcelos (1997, p.58) uma entrevista para ser boa *“não deve ser só perguntar e o outro responder: uma boa entrevista tem de ser uma partilha; tem de ser uma interação”*.

Já Estrela (1994) refere que a finalidade das entrevistas consiste na recolha de dados de opinião, permitindo não só fornecer pistas para a caracterização do processo em estudo, como também ajuda a conhecer e procurar uma informação do real.

Neste estudo as entrevistas foram utilizadas para recolher dados descritivos na linguagem dos próprios sujeitos, permitindo ao investigador desenvolver intuitivamente uma ideia sobre a maneira como os sujeitos interpretam um determinado tema (Bogdan e Biklen, 1994). Deste modo o recurso à técnica de entrevista permitiu recolher informações junto das educadoras de infância, salientando e garantido uma maior fidelidade dos dados recolhidos (Carmo e Ferreira, 1998).

Segundo Stake (2007) e Yin (2003), as entrevistas são um instrumento a utilizar nos estudos de caso, particularmente importantes para podermos ter acesso a relatos na 1ª pessoa.

Antes da execução das entrevistas foi elaborado previamente um guião da entrevista, que serviu como suporte orientador para o decorrer das mesmas. (Anexo 2). Embora tendo o entrevistador o guião como um suporte orientador *“(...) não está limitado a essa lista e tem a liberdade para fazer perguntas complementares, para repetir outras e para fazer rodeios que prometam dar uma informação útil para os propósitos da investigação”* (Fox, 1987, p.607).

As entrevistas que foram realizadas às educadoras de infância foram marcadas com a devida antecedência, tendo estas o conhecimento prévio dos objetivos e do tema da presente investigação. Estas entrevistas decorreram na Instituição referida anteriormente, na sala de reuniões, para que fossem realizadas num ambiente calmo, agradável e sem possíveis interrupções, nas horas de almoço e após o horário letivo das educadoras. O investigador pediu com a devida autorização, junto das mesmas para a gravação das entrevistas, garantindo o seu anonimato e confidencialidade. Neste estudo, como referi anteriormente as entrevistas foram aplicadas a mais do que

um sujeito, o que me permite compreender e adquirir dados comparáveis entre as entrevistadas. Saliento ainda que antes da realização das entrevistas foi entregue uma carta a pedir autorização à direção da instituição para a execução das entrevistas às educadoras de infância, que nela trabalham. (Anexo nº 1)

Fundamentação Teórica

Desenvolvimento Curricular na Educação de Infância

De acordo com Portugal (1998, p.204), *“Se a educação é uma preocupação básica na creche, se o educador educa e não é apenas um guardador de crianças, importa que haja um currículo, isto é, um plano de desenvolvimento e aprendizagem”*. Neste sentido educar, para além de cuidar é também um dos princípios fundamentais do educador. Por isso o currículo define-se como *“um plano para a aprendizagem, por conseguinte, tudo o que se conhece sobre o processo de aprendizagem e do desenvolvimento do indivíduo tem aplicação ao elaborá-lo”*. (Pacheco, 2001, p.36)

Em 1997, em Portugal, foram divulgadas pelo Ministério da Educação as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar tendo como finalidade orientar o educador no desenvolvimento das suas práticas educativas. No entanto, para a creche não existe qualquer tipo de documento normativo que forneça orientações curriculares aos educadores de infância que praticam a sua atividade profissional nesta valência.

O currículo não deve ser determinado por normas externas, mas deve atender às necessidades e identidades das crianças, evidenciando-se no seu bem estar e envolvimento, nas atividades que envolvam as crianças nas várias áreas de desenvolvimento. Por isso o currículo deve ser sempre adaptado ao desenvolvimento e ao nível etário das crianças. Nesta linha de pensamento, Vasconcelos (1989) refere que um currículo que seja adequado em termos de desenvolvimento é planeado de acordo com a faixa etária das crianças, não esquecendo as diferentes necessidades, interesses e níveis de desenvolvimento das crianças.

Neste seguimento, Roldão (1999, p.47) entende o currículo como *“o corpo de aprendizagens socialmente reconhecidas como necessárias, sejam elas de natureza científica, pragmática, humanística, cívica, interpessoal ou outras”*.

No entanto segundo Spodek e Saracho (1998, p.86) *“embora o conteúdo dos programas de educação para a primeira infância deve refletir os valores da nossa cultura e a natureza do conhecimento que as crianças necessitam, de forma a serem igualmente apropriados do ponto de vista educacional”*.

Pacheco (2001, p.17) numa perspetiva curricular, *“conceitua o currículo de uma forma abrangente, englobando tanto as decisões ao nível das estruturas políticas como ao nível das estruturas escolares”*, já Zabalza (1992, p.12) refere-se ao currículo como *“o conjunto de conhecimentos, habilidades, atitudes, etc, que são considerados*

importantes para serem trabalhados na escola, ano após ano”, o que implica as metas que se deseja alcançar e as que são alcançadas.

Quer a creche, quer o jardim de infância devem ser espaços estimulantes e seguros, proporcionando às crianças construir as suas próprias identidades e desenvolverem bons relacionamentos uns com os outros.

Avaliação na Creche

A avaliação na creche passa muito pela observação direta das crianças, proporcionar-lhes um nível de bem-estar e envolvimento, quer no ambiente em que se inserem quer no decorrer das atividades. Ao observar o educador tem uma perceção do desenvolvimento de cada criança, assim como, observar como a criança realiza determinadas ações e interações.

Segundo Portugal e Laevers (2010), o bem-estar e o envolvimento são dois fatores cruciais para se poder avaliar as crianças, pois estes oferecem uma forma respeitadora de sentir, pensar e fazer, levando o educador a ter como ponto de referência a experiência das crianças, reconstruindo significados através das suas expressões, palavras e gestos. Contudo, para avaliar a criança, existem dois critérios. Primeiro critério, temos que explorar em que grau é que a criança se sente à vontade, ou seja, se ela está bem emocionalmente e se sente ativa e participativa nas atividades. Segundo critério, está relacionado com o processo de desenvolvimento, que leva o adulto a criar um ambiente tranquilo e estimulante, favorecendo o bom envolvimento das crianças no ambiente educativo.

Ludovico (2007, p.47) refere que *“observar cada criança e o grupo em geral é uma prática necessária para conhecer as capacidades, interesses e dificuldades das crianças, de modo a adequar o processo educativo às suas necessidades numa perspetiva de diferenciação pedagógica”*.

A creche é um local onde a criança beneficia das interações em grupo, pois é nesta troca de interações que a criança se vai desenvolvendo, como refere Abramowitz (1995, p.39): *“a creche é um espaço de socialização de vivências e interações”*. As crianças no seu dia a dia na creche, e à medida que executam as atividades vão também trocando várias interações com as outras crianças.

Realço que ao nível da avaliação na creche, a documentação e a legislação para esta faixa etária, são bastante escassas. Tendo dos educadores de creche, como documento orientador, as orientações curriculares para a educação pré-escolar, visto

ainda não existir nenhum documento orientador para a faixa etária dos 0 aos 3 anos. Desta forma se os educadores de creche tivessem um documento por onde se guiassem, poderiam melhorar as suas práticas educativas.

A Avaliação no Jardim de Infância

Segundo Cardona (2012, p.274), refere que a avaliação *“é vista como um elemento fundamental para a monitorização da atividade educativa, assim como para a compreensão do desenvolvimento e aprendizagem das crianças, dos seus interesses progressos e dificuldades (...)”*. Por isso é que a avaliação no jardim de infância surge como um fator importante no processo ensino/aprendizagem, por isso é que avaliar pode contribuir para uma melhoria da adaptação e reorganização das práticas pedagógicas e profissionais dos educadores de infância.

A questão da avaliação na educação pré-escolar tem sido pouco abordada pelos autores que estudam as temáticas no que respeita à educação pré-escolar. No entanto, segundo Parente (2002, cit. in Gaspar, 2004), começou a existir uma maior preocupação e interesse por esta temática, sendo ela fruto de várias mudanças tais como: ao nível das conceções da avaliação tendo implicações nas práticas pedagógicas; mudanças referentes ao conhecimento como a criança se desenvolve e aprende; as mudanças nas metas e objetivos a alcançar; as mudanças relativamente ao número e à diversidade de crianças que frequentam a educação pré-escolar, entre outros. A avaliação em educação contém particularidades que a tornam diferente dos outros níveis de ensino. Desta forma, a avaliação neste nível educativo, não possui um sentido de classificação mas sim um sentido iluminador, fornecendo a informação sobre como se processam as várias atividades, como se desenvolve o projeto pedagógico e ainda como se desenvolve e aprende cada criança e o grupo de crianças.

Segundo Parente (2010 *“a avaliação na educação de infância é entendida como o processo de observar, escutar, registar e documentar o que a criança sabe e compreende, as competências que possui, como pensa e aprende, com o objetivo de obter uma imagem rica e abrangente do que a criança sabe e é capaz de fazer”*). Deste modo a avaliação deve focar-se na criança e no contexto, por forma a registar as aprendizagens construídas individualmente e em grupo. Neste sentido o educador deve adotar de forma fundamentada e sustentada, a maneira como vai avaliar as suas

crianças. Primordialmente o educador de infância tem que construir, desenvolver e gerir o currículo, como definir um conjunto de procedimentos de avaliação. A avaliação na educação de infância deverá possuir características que tenham em consideração as idades das crianças, assim como as suas características desenvolvimentais. Deste modo a avaliação contribui aos educadores de infância, uma forma para refletirem sobre as aprendizagens das crianças e também para refletirem sobre as suas práticas educativas (Parente, 2010). Neste sentido Godoi (2005), afirma que a avaliação pode ser vantajosa para a criança, pois considera que sendo a observação um dos métodos mais utilizados para fazer a avaliação no jardim de infância, passa mais além do que conhecer a criança, mas passa ainda pelo aperfeiçoamento do educador como profissional da educação.

De acordo com Moita (1987), o educador deve adquirir determinadas competências concretas na sua formação inicial, sendo uma delas a capacidade para avaliar, visto que o ato pedagógico pressupõe várias etapas: observar e caracterizar a situação pedagógica, definir objetivos, selecionar estratégias, avaliar os processos e os resultados e reformular a intervenção. Para a mesma autora, *“avaliar é importante pelo simples fato de que é fundamental «re-ver» e «re-ler» o que se faz, para re-pensar o que se vai fazer”* (p:19). Também segundo Roldão (1999, p.51), *“é a avaliação que permite diagnosticar, prever, reformular e reorientar os projetos”*.

Moita (1987) refere que a avaliação permite aos educadores a capacidade de pensarem no modo de trabalharem assim como nos comportamentos e atitudes adotadas pelos mesmos. Desta forma, para se fazer a avaliação os educadores têm que ter uma capacidade autocrítica, de trabalho em equipa, de confronto, e objetividade e de rigor.

A mesma autora refere, ainda a este respeito, que não basta querer avaliar, para que se possa fazê-lo corretamente é preciso: saber o que se quer avaliar (ex: o trabalho realizado com as famílias); definir critérios de avaliação (que nos levará a encontrar o valor ou o desvalor do que foi vivido); recolher dados (elementos concretos, indicadores objetivos e subjetivos para posteriormente serem analisados, comparados e discutidos) e tirar conclusões (que colaborem para a reformulação de objetivos e estratégias). Moita (1987, p. 20) destaca ainda, os aspetos que considera avaliáveis na ação pedagógica referente ao jardim de infância, dizendo: *“é avaliável tudo aquilo que foi considerado objetivo geral ou específico. Seria absurdo propormos realizar uma ação, definir-lhe os objetivos, encontrarmos metodologias, procurarmos recursos, experienciá-la de facto e depois não ser possível «ler» o acontecido”*.

De acordo com Gabriela Portugal (s/d), a avaliação das aprendizagens e o desenvolvimento das crianças, são uma das tarefas mais importantes no processo educativo. A mesma autora afirma que a observação e a documentação estão no centro da avaliação, por isso, os educadores precisam de saber observar e documentar, ou seja, precisam de saber o que vão observar e como vão documentar. Neste sentido, segundo Cardona (2007) sendo a avaliação uma competência básica do educador, é através da avaliação que este pode recolher informações que lhe permitam reformular as suas intervenções, podendo esta ter vários tipos de incidência, consoante as diferentes áreas de atuação.

Segundo Moita (1987), as questões mais polémicas emergem quando se trata de avaliar o trabalho que é realizado com as crianças, salientando haver duas linhas tendenciais que influenciam a prática de avaliação: a primeira apoia-se na convicção de que as crianças têm especialmente necessidade de estar num ambiente equilibrado, feliz e estimulante, em que se privilegia a relação pessoal e afetiva, o espaço da expressão e da atividade lúdica; a segunda forma o jardim de infância como um espaço/tempo para favorecer a igualdade de oportunidades a todas as crianças, dando valor à realização de várias atividades específicas que irão permitir à criança viver situações variadas, progressivamente mais complexas e abstratas.

Na opinião desta autora e do que foi referido anteriormente, *“uns, quase não fazem registos e a avaliação é muito global porque o seu grande objetivo é o bem estar das crianças e o respeito pelo ritmo individual do desenvolvimento. Outros planeiam e programam tudo, tudo prevêm, tudo testam”* (Moita, 1987, p. 21). Por isso é fundamental termos a perceção que o nosso papel como educadores pode ser decisivo no desenvolvimento da criança; que a criança se desenvolve na interação com os outros, com os materiais, com o meio e com os educadores; que é fundamental conhecermos bem cada criança e o grupo; optar por um modo de relacionamento que seja estimulante e positivo; viver com as crianças projetos cheios de interesse e organizadamente ir registando as aquisições feitas, para constatar o desenvolvimento ocorrido e enriquecer os projetos e experiências. Como nos afirma a autora, é preferível, de facto, *“encontrar formas de registo para encontrarmos «material» avaliável”* (Moita, 1987, p. 21).

Carrasco (1989, p. 9) define avaliação como *“um modo de expressar o juízo subjetivo sobre uma atividade complexa, quando previamente se assinalarem os diferentes conteúdos e expressões de tal atividade, bem como os vários graus de apreciação para se poder determinar com certa precisão o valor que atribuímos à realidade em causa”*.

Para Zabalza (2000, p.30), a avaliação é caracterizada como *“uma peça fundamental do trabalho dos bons profissionais da educação: é em todos os níveis do sistema educativo, e é também, como não podia deixar de ser, no caso da educação de infância”*. Por isso é que a avaliação permite fazer uma recolha de informações e dados, que de certa forma implicará uma consciência da ação, adequada ao processo educativo e às necessidades de cada criança.

Também a Circular nº. 4/DGIDC/DSDC/2011, abordada anteriormente, referente à avaliação na educação pré-escolar, estabelece que *“as principais orientações normativas relativas à avaliação na educação pré-escolar estão consagradas no Despacho nº 5220/97 de 4 de agosto (Orientações Curriculares para a Educação Pré-escolar) e no Ofício Circular nº. 17/DSDC/DEPEB/2007, de 17 de outubro da DGIDC (Gestão do Currículo na Educação Pré-Escolar)”*. A circular referida anteriormente salienta que essas orientações se devem articular com o Decreto-Lei nº. 241/2001 e com as metas de aprendizagem definidas para o final da educação pré-escolar. Como referem as Orientações Curriculares para a Educação de Infância *“avaliar o processo e os efeitos, implica tomar consciência da ação para adequar o processo educativo às necessidades das crianças e do grupo e à sua evolução”*. A avaliação realizada com as crianças é uma atividade educativa, constituindo também uma base de avaliação para o educador. A sua reflexão, a partir dos efeitos que vai observando, possibilita-lhe estabelecer a progressão das aprendizagens a desenvolver com cada criança, daí a avaliação ser o suporte do planeamento” (p.27). Já (Formosinho in Cardona 2012), refere que a avaliação assume um carácter formativo, sendo um processo contínuo e interpretativo, estando mais interessado nos processos do que nos resultados procurando tornar mais ativa a criança na sua aprendizagem.

A mesma circular refere que a avaliação é um elemento regulador e integrante da prática educativa, que permite uma recolha sistemática de informação, que ao ser analisada e interpretada, sustenta a tomada de decisões adequadas promovendo ao mesmo tempo a qualidade das aprendizagens. Deste modo a reflexão que se vai observando, possibilita ao educador estabelecer a progressão das aprendizagens que quer desenvolver com cada criança.

De acordo com a Circular nº. 4/DGIDC/DSDC/2011 a avaliação tem como finalidade:

- ✓ Contribuir para a adequação das práticas, tendo por base uma recolha sistemática de informação que permita ao educador regular a atividade educativa, tomar decisões, planear a ação;

- ✓ Refletir sobre os efeitos da ação educativa, a partir da observação de cada criança e do grupo de modo a estabelecer a progressão das aprendizagens;
- ✓ Recolher dados para monitorizar a eficácia das medidas educativas definidas no Programa Educativo Individual;
- ✓ Promover e acompanhar processos de aprendizagem, tendo em conta a realidade do grupo e de cada criança, favorecendo o desenvolvimento das suas competências e desempenhos, de modo a contribuir para o desenvolvimento de todas e de cada uma;
- ✓ Envolver a criança num processo de análise e de construção conjunta, que lhe permita, enquanto protagonista da sua aprendizagem, tomar consciência dos progressos e das dificuldades que vai tendo e como as vai ultrapassando;
- ✓ Conhecer a criança e o seu contexto, numa perspetiva holística, o que implica desenvolver processos de reflexão, partilha de informação e aferição entre os vários intervenientes – pais, equipa e outros profissionais – tendo em vista a adequação do processo educativo.

No que diz respeito às funções da avaliação, Vallejo (1979) refere que a função primordial da avaliação depende das provas escolares e dos exames em geral, onde se obtêm os dados necessários para provar se os objetivos definidos inicialmente foram alcançados e em que grau. No entanto a sua função não é só julgar o aluno, mas também avaliar o processo de aprendizagem incluindo a atividade do professor.

Já Carrasco (1989), salienta que as principais funções da avaliação no campo educativo baseiam-se no:

- Diagnóstico dos diferentes aspetos da estrutura do processo e do produto educativo, tendo por base a adaptação do ensino às exigências e características de cada situação de aprendizagem;
- Prognóstico ou previsão das possibilidades dos alunos, para orientação pessoal, escolar e profissional;
- Controlo constante do progresso educativo e dos alunos, informando a família.

Podemos concluir que avaliar em jardim de infância, leva-nos a conhecer a criança, o que sabe e o que é capaz de fazer, e também quais os seus interesses e motivações. Permite-nos conhecer cada criança individualmente como um ser único com as suas competências individuais e poder observar os seus progressos. (Castilho e Rodrigues *in Cardona, 2012*).

Apresentação e análise dos dados

Esta investigação foi realizada numa Instituição de Solidariedade Social no conselho de Torres Novas, por se encontrar perto da minha área de residência. Esta instituição tem cerca de 187 crianças, divide-se por três valências: creche, jardim de infância e ATL.

Os participantes do estudo foram 6 educadoras de infância (3 da valência de creche e 3 da valência de jardim de infância). Todas as educadoras de infância que participaram neste estudo são do sexo feminino, com idades compreendidas entre os 26 e 50 anos de idade e com um tempo de serviço entre os 4 e os 22 anos como se pode verificar no quadro nº2.

Educadora	Anos de serviço
E1	20
E2	22
E3	19
E4	11
E5	4
E6	17

Quadro nº 2 – Números de anos de serviço das educadoras

As entrevistas foram realizadas individualmente a cada educadora e gravadas, salvaguardando o seu anonimato.

Quanto à escola de formação das educadoras entrevistadas, a E1, E4 e a E6, tiraram a sua formação inicial na Escola Superior de Educação de Santarém, a E5 tirou a sua formação inicial na Escola Superior de Educação de Torres Novas, a E3 tirou a sua formação inicial na Escola Superior de Educação João de Deus e a E2 tirou a sua formação inicial na Escola de Educadores de Infância Santa Mafalda, tendo depois em 2001 terminado o Curso de Complemento de Formação Científica e Pedagógica para Educadores de Infância, na Escola Superior de Educação Almeida Garrett.

Relativamente ao término das suas formações iniciais, as educadoras de infância entrevistadas terminaram as suas formações entre os anos de 1987 e 2009.

A análise dos dados deste estudo foram agrupados pelos testemunhos que trabalham na creche e no jardim de infância. Primordialmente serão analisadas as

respostas às questões feitas às educadoras da creche, seguidamente analisadas as respostas das educadoras do jardim de infância, para depois sim, poder comparar os dados.

De acordo com os dados analisados das entrevistas efetuadas às educadoras de infância da valência de creche, no que refere à questão sobre se na sua formação inicial se tiveram algumas orientações relativamente à questão da avaliação, as educadoras referiram que durante as suas formações iniciais tiveram uma cadeira que se chamava sistemas e métodos de avaliação onde trabalhavam com grelhas e aprenderam a preenchê-las. Também salientaram que quando tinham que ir para estágio tinham que fazer relatórios e observações diretas.

À pergunta se acham que fazer a avaliação das crianças é importante e porquê, as educadoras responderam que é muito importante avaliar as crianças pois só assim sabem quais as áreas em que as crianças precisam de mais ajuda, ou seja, só assim se consegue perceber em que grau de desenvolvimento é que cada criança se encontra. Também referem que a avaliação diária das crianças faz na prática do educador, pois assim o educador através dessa avaliação pode reformular a sua intervenção.

No seguimento da análise das respostas às questões sobre a avaliação, uma das questões que foram colocadas às educadoras foi se estas sentiam dificuldades ao avaliar, ao que responderam:

“(...)dificuldades que eu sinto ao avaliar, passa pelo facto de as grelhas às vezes serem muito específicas e quem trabalha com grelhas, ter um bocado de dificuldade num grupo de 25 crianças conseguir fazer uma avaliação total das avaliações (...)”. E1

“As dificuldades devem-se ao facto do grupo ser extenso (18) e por vezes não se ter “tempo” para fazer a observação no contexto. A creche deveria ter mais grelhas de observação”. E3

“No geral não sinto dificuldades ao avaliar”. E2

Como podemos verificar, de acordo com as respostas dadas pelas educadoras da creche as dificuldades que sentem ao avaliar, passa pelo facto das grelhas serem por vezes muito específicas, e também o facto do grupo de criança ser extenso, o que leva com que as educadoras não tenham tempo para fazer toda a avaliação das crianças.

No que toca às principais finalidades de avaliação que as educadoras utilizam, baseiam-se na observação, no registo diário, na recolha de informações, na maturidade, ou seja, o nível em que as crianças se encontram. O fundamental neste sentido também passa com o contato e a troca de informações com as famílias.

“(...)creche as principais finalidades na avaliação passa por nós termos a noção e a ideia de como é um grupo que está no início(...)o mais importante é a autonomia sem qualquer dúvida, é a criança começar a ser autónoma, é o controle dos esfíncteres e é muito importante a gente fazer uma avaliação inicial à maturidade da criança(...). E1

“As finalidades de avaliação em creche são levarem-nos a fazer o despiste de problemas, a observar as áreas menos fortes, a perceber qual o nível de desenvolvimento do grupo”. E3

“Na creche avaliar tem como finalidade recolher informação, interpretá-la e adotar decisões que possibilitem o aperfeiçoamento da ação educativa”. E2

Do leque diversificado das principais práticas avaliativas as educadoras referem que é através do processo de observação direta, que fazem a apreciação e a avaliação do desenvolvimento e aprendizagens de cada criança, não menosprezando as especificidades de cada criança, tal como o seu ritmo de desenvolvimento, indo de encontro com os objetivos que estão designados para as diferentes faixas etárias. Também uma das práticas avaliativas utilizadas pelas educadoras passa por saber escutar casa criança, para se ter a noção dos interesses e necessidades que estão possuem. Afirmam ainda que o contato diário com os encarregados de educação é imprescindível, para se dar continuidade ao processo de avaliação da criança.

“(...)principais práticas avaliativas que eu utilizo é a observação direta (...). Outro dos métodos que utilizamos é para o final do ano a partir de abril/maio é uma ficha de avaliação, uma coisa muito simples, que se baseia essencialmente nas rotinas diárias, na higiene, na autonomia, na importância das regras de sala, no facto da criança ser ou não autónoma ao nível dos esfíncteres, a nível da alimentação (...). E1

“Utilizo a observação direta, porque o grupo é constituído por crianças pequenas e é importante observar o seu comportamento e atitudes. O objetivo

principal é fazer com que as crianças ganhem/conquistem a sua autonomia. Devem conseguir ser cada vez mais autónomas”. E3

“É importante que o educador saiba escutar a criança no seu todo para ter consciência dos seus interesses e necessidades individuais. (...) As estratégias de avaliação incidem na observação direta e indireta do ambiente educativo, das crianças e dos resultados das atividades que o educador vai realizando com as crianças”. E2

Relativamente aos instrumentos de avaliação utilizados pelas educadoras referem que são essencialmente a observação e a implementação de grelhas:

“Portanto os instrumentos, é a tal coisa, é essa grelha que nós temos, os registos diários, mas são relatórios e registos diários que são feitos e que depois ficam no portefólio individual de cada criança”. E1

“Os instrumentos de avaliação que utilizo são a observação direta, registos individuais e grelhas de observação”. E3

“Planificações, registos de observação diários. Aplicação de grelhas de avaliação objetivas e concisas e documentação através de anotações, descrições, fotografias, realização de filmes”. E2

Quando interroguei as educadoras, se a avaliação das crianças poderia promover alterações nas suas práticas pedagógicas, de um modo geral todas afirmam que a avaliação das crianças altera de certa forma as suas práticas pedagógicas, porque se ao implementarem uma atividade, e se observarem que a criança não está a reagir bem, aí sim têm que alterar as suas práticas, arranjar novos métodos e estratégias que cativem as crianças. Ainda salientam que um dos propósitos da avaliação é o aperfeiçoamento da prática educativa das educadoras.

O mesmo acontece quando as questioneei, de que forma é que a avaliação podia contribuir para uma melhoria das suas práticas profissionais, as respostas foram muito semelhantes à questão anterior. Só ao registarem o que se observa é que o educador cria um registo, que pode mais tarde ser comparado com anteriores. Só assim é que o educador poderá ver os parâmetros que precisam de ser melhorados, para depois os poder analisar e refletir para melhorar a sua intervenção e as ajudarem a crescer como educadoras, pois o facto de as crianças alcançarem etapas e a

conseguirem realizar trabalhos atingindo os objetivos, faz crescer e evoluir as educadoras.

À questão se gostariam de salientar mais alguma coisa sobre a avaliação das crianças na creche que não lhes tivesse sido perguntado, no geral não tiveram nada a acrescentar, salientando que o essencial lhes tinha sido perguntado.

Passando agora a análise dos dados analisados das entrevistas efetuadas às educadoras de infância da valência de jardim de infância, estas responderam que durante a sua formação inicial tiveram orientações no que toca à questão da avaliação nomeadamente, grelhas que lhes eram entregues pela professora da prática pedagógica, às quais também referiram que já estavam desatualizadas, pois quando vão trabalhar por exemplo para instituições, essas mesmas instituições já têm as suas próprias grelhas. Também salientaram que ao longo do tempo de trabalho elas próprias vão fazendo as suas próprias grelhas de avaliação, estando sempre a evoluir nas suas práticas.

Quando lhes foi questionado se achavam importante fazer a avaliação das crianças, as respostas foram muito idênticas às que as educadoras da creche responderam. Ressalvaram que é muito importante se fazer a avaliação das crianças, pois assim sabem em que etapas se encontram as crianças e quais os seus conhecimentos.

“Sem dúvida que é importante porque é uma maneira de sabermos quais as etapas, que etapas em que eles já estão, quais os seus conhecimentos, a nível cognitivo e a nível do seu desenvolvimento, portanto é sempre importante fazer a avaliação das crianças, para sabermos o que é que já aprenderam, que ainda necessitam de ser mais estimulados para aprender e a nível motor, cognitivo, é sempre importante saber em que etapa de desenvolvimento eles estão para podermos avançar ou não”. E4

“Sim acho importante, sem dúvida, para já para ver a evolução deles, depois para apurar não só os pontos fortes como também os fracos. (...)”. E5

“Pois importante é sem dúvida, porque é uma forma que nós temos de tentar de alguma forma ajudar a criança a ultrapassar as dificuldades que realmente, que realmente tem (...) independentemente de teres uma grelha ou não, tu tens aquela noção que a criança sabe não sabe, mas se realmente tivermos um instrumento seja ele o que for, onde possamos registar, é bom para nós, é bom para a criança e é bom para os pais, porque se houver necessidade disso, claro temos que partilhar com eles,

e é assim só sabendo o que é que realmente a criança sabe ou não é que nós podemos tentar ajudar e passar a uma etapa seguinte, é mais nesse sentido”. E6

Em relação às dificuldades que as educadoras têm ao avaliar, a E4 afirma que *“(...) não há muitas dificuldades como nós temos a grelha e vamos fazendo observações diárias e fazendo registos diários, acaba por não haver muita dificuldade na avaliação. (...) A única dificuldade é que realmente as avaliações vão sendo cada vez mais exigentes e vamos ter sempre que melhorar, o que nós temos, por exemplo as grelhas que nós temos agora se calhar daqui a um ou dois anos já não servem, teremos que fazer outras, portanto essa é a dificuldade que temos em avaliar é os meios com que temos para fazer”.*

No entanto a E5 afirma que às vezes é um bocado difícil avaliar, porque: *“(...) depende muito da motivação deles na atividade, porque por exemplo hoje posso ter um resultado e se calhar se eu fizer por daqui a dois ou três meses a mesma atividade posso ter outro (...).*

As educadoras de infância afirmaram que as principais finalidades da avaliação no jardim de infância, passam por se saber em que nível de desenvolvimento as crianças se encontram, os seus conhecimentos, ou seja, saber como é que a criança está. Importante finalidade da avaliação no jardim de infância é perceber o que é que cada criança sabe, onde precisa de ajuda para melhorar as suas aprendizagens, e também para o educador saber se o trabalho que executa se está adaptado ou não para uma determinada criança.

As práticas avaliativas que as educadoras de jardim de infância mais utilizam são os registos diários, observações diárias, na medida em que estes registos/observações possam ser comparados mais tarde com outros, para ver a evolução da criança. As educadoras utilizam no final de cada ano uma grelha com objetivos específicos de cada área para ver em que nível de desenvolvimento a criança se encontra.

Nesta linha de pensamento as educadoras utilizam ao longo da sua prática pedagógica vários instrumentos e objetos de avaliação entre os quais: registo diário; grelhas; observação e os trabalhos que são feitos com as crianças.

À questão se a avaliação das crianças pode promover alterações na prática pedagógica das educadoras, todas responderam que sim, na medida em que se o trabalho que planificaram, não está a resultar com um grupo de crianças, então aí sim, estas afirmam que têm que reformular o seu trabalho, pois se calhar este não estaria adaptado para um determinado grupo. O mesmo acaba por acontecer no que toca à avaliação poder contribuir para uma melhoria das práticas profissionais das educadoras. Portanto podemos constatar que sem dúvida a avaliação contribui sim

para uma melhoria das práticas profissionais, como afirmam as educadoras de infância:

“Porque a avaliação dá-nos um maior conhecimento no que diz respeito a cada uma das crianças, e isso sim ajuda-nos logo profissionalmente também a melhorar a nossa prática...”. E4

“(...) pois lá está acaba por ser, se eu ao avaliar as crianças souber que eles atingiram os objetivos, eu sinto-me realizada, acho que estou a desenvolver uma boa prática, se eu não conseguir fazer com que eles atinjam um objetivo obriga-me a... reciclar algumas coisas e tentar arranjar outras formas de chegar a eles, portanto acho que até é fundamental para eu melhorar”. E5

“No mesmo sentido, se nós não avaliarmos nós também não sabemos se estamos a proceder bem ou não”. E6

Por fim questionei as educadoras se gostariam de salientar algo sobre a avaliação que não lhes tivesse sido perguntado, ao que algumas disseram que não, que o essencial lhes tinha sido questionado e que falaram do mais importante. No entanto a E5 salientou que também usam o portefólio individual com os trabalhos de cada criança, que acaba também por ser um instrumento fundamental da avaliação das crianças.

Já a E6 afirma: *“(...) acho que é preciso ter um bocado cuidado porque, a avaliação é sempre uma coisa, lá está, tem de ser objetivo, mas nem sempre é, e quando, como é que eu hei-de dizer nós não devemos partir de pontos assentes e nem falar de quando por exemplo se diz a um pai nós não devemos apresentar as coisas como se não houvesse volta a dar, como se fosse um dado adquirido (...).”*

De acordo com a comparação da análise dos dados obtidos nas entrevistas feitas às educadoras de creche e de jardim de infância, podemos constatar que ambas utilizam as mesmas formas e métodos de avaliar. No que se refere à importância de avaliar as crianças, ambas estão de acordo pois só ao avaliarem é que se podem aperceber se a criança têm determinadas dificuldades, e em que parâmetros podem ser avaliadas.

Síntese e considerações

O estudo desta pesquisa possibilitou estudar a questão acerca da avaliação na creche e no jardim de infância, nomeadamente as finalidades e práticas avaliativas nestes contextos.

Para obter respostas às minhas questões foram realizadas entrevistas a seis educadoras de infância, com o objetivo de perceber como estas se sentem no que respeita à questão da avaliação. Daí, a partir da análise dos resultados obtidos nas entrevistas, conclui-se que as educadoras dão bastante relevância no que respeita à avaliação das crianças, pois só assim, conseguem perceber as etapas, e em que graus de desenvolvimento se encontram as crianças. Também no sentido de identificarem as áreas onde as crianças têm mais dificuldades, onde precisam de mais auxílio, para poderem ultrapassar as suas dificuldades.

Em consonância com o que foi referido anteriormente, as educadoras de infância entrevistadas, relatam que as principais práticas avaliativas que utilizam nas suas práticas baseiam-se nas observações diretas, nos registos diários, nas grelhas de observação, logo não só avaliam todo o processo de desenvolvimento das crianças e as áreas mais deficitárias, como também o aperfeiçoamento da ação educativa por parte das educadoras de infância. Ao fazerem este processo, as educadoras de infância também vão avaliando a sua prática pedagógica e profissional, compreendendo se as atividades que estipularam para um determinado grupo, corresponde com as suas expectativas, tal como a reação do grupo perante as mesmas.

No contexto educativo de creche e de jardim de infância, a avaliação torna-se determinante para as educadoras, como também para os pais, pois estes ao estarem informados do processo de desenvolvimento dos seus filhos, poderão contribuir para uma melhoria progressiva do desenvolvimento dos mesmos.

Posto isto, os objetivos deste estudo foram atingidos na medida, que percebi quais as principais práticas de avaliação utilizadas pelas educadoras de infância, assim como percebi a importância que a avaliação tem na melhoria das práticas educativas das educadoras.

Posso concluir que com os resultados obtidos nas entrevistas, foi notório que as educadoras avaliam principalmente para registar a evolução das crianças, e simultaneamente para reestruturarem ou manterem o seu percurso educativo e profissional.

Reflexão Final

A realização deste relatório de Mestrado em Educação Pré-Escolar, permitiu que houvesse um enriquecimento pessoal e profissional. A partir do enquadramento teórico, assim como a análise dos dados obtidos nas entrevistas, cheguei a algumas conclusões, que, globalmente me permitiram responder às questões que coloquei.

Durante os períodos de estágio, pude ter contato com duas realidades completamente distintas, mas muito idênticas, a valência de creche e de jardim de infância, onde adquiri várias aprendizagens, modos de agir e onde pude vivenciar várias situações e experiências.

Devido ao surgimento de algumas dúvidas e questões, esta investigação baseou-se em estudar a avaliação na creche e no jardim de infância, ao qual se realizaram entrevistas a profissionais da educação, para ouvir como estas abordam a avaliação. Nomeadamente no que se refere às finalidades e práticas educativas na sua prática profissional. Por isso, é fundamental que as educadoras, assumam permanentemente uma preocupação em avaliar o desenvolvimento e a aprendizagem das crianças, adequadas à faixa etária de cada criança. Logo, o educador ao observar e a registar, é que se apercebe em que níveis de desenvolvimento se encontram as crianças, e também ver as áreas onde estas possam precisar de mais auxílio.

A investigação realizada e todo o processo nela envolvida, teve um grande contributo na minha formação, pois o mesmo permitiu-me a aquisição de novas competências e saberes sobre a avaliação na creche e no jardim de infância, que acabaram por colmatar as minhas dúvidas. Do mesmo modo, que este trabalho é o fruto de um processo de investigação, baseado num trabalho de reflexão e de enriquecimento de conhecimentos.

No que diz respeito à fundamentação teórica, pude constatar que ainda não existe muita documentação referente à avaliação na creche. Para o jardim de infância o leque de documentação já é mais alargado, com documentos de apoio, nomeadamente, as orientações curriculares para a educação pré-escolar. Nesta linha de pensamento, eu própria me questiono, como futura educadora, porque não existem também orientações curriculares para a creche, visto não existir nenhum referencial de apoio para estas faixas etárias, servindo de apoio para as educadoras se guiarem nas suas práticas. Deste modo a existência de um documento orientador para a creche, é imprescindível para as educadoras, porque permitem a planificação das atividades que queiram implementar e serve de certa forma, de situações potenciadoras de aprendizagem nas crianças.

Saliento que a avaliação é um elemento indispensável na creche e no jardim de infância, porque os educadores ao avaliarem as aprendizagens das crianças, esta permiti-lhes tomar consciência da sua própria ação, de forma a adequar o processo educativo às necessidades das crianças.

Para finalizar, considero que cresci ao longo de todo este percurso, na troca de ideias e na consolidação de novos saberes, com os intervenientes deste estudo, que acabaram de certa forma por me enriquecer ao nível das minhas aprendizagens.

Vale ainda salientar que os depoimentos dados pelas educadoras que participaram neste estudo alcançaram resultados positivos, contribuindo assim, como referi anteriormente para um enriquecimento pessoal e profissional. Embora este estudo tenha tido, uma enorme valorização para a avaliação, certamente ainda haverá muito para pesquisar, aprender, refletir e investigar, visto que a avaliação na educação está em constante reformulação.

Foi o início de uma caminhada repleta de conhecimentos.

Referências Bibliográficas

Abramowiz, A. & Wagkop, G. (1995). *Creche: atividades para crianças de zero a seis anos*. São Paulo: Moderna.

Bogdan, R. & Biklen, S. (1994). *Investigação Qualitativa em Educação: Uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto Editora.

Cardona, M. (2007). “A avaliação na educação de infância: as paredes das salas também falam! Exemplo de alguns instrumentos de apoio.” *Cadernos de Educação de Infância*. Lisboa: APEI, Nº 81, p.10-15.

Cardona, M. & Mendes, A. (2012). “Exemplos de Práticas de Avaliação de Educadoras de Infância Portuguesas”, in Cardona, M. & Guimarães, C. M. (2012). *Avaliação na Educação de Infância*. Viseu: Editora Psicossoma

Carmo, H. & Ferreira, M. (1998). *Metodologia da Investigação. Guia para a Autoaprendizagem*. Lisboa: Universidade Aberta.

Carrasco, J.F. (1989). *Como Avaliar a aprendizagem*. Rio Tinto: ed. ASA.

Estrela, A. (2008). *Teoria e Prática de observação de classes: uma estratégia de formação de professores*. Porto: Porto Editora (4ª edição).

Fox, D. (1987). *El proceso de investigacion em education*. Pamplona: Ediciones Universidad de Navarra.

Gaspar, M. F.R. Fonseca (2004). *Olhares sobre a avaliação em educação pré-escolar: As opiniões e as práticas dos educadores de infância*. Revista Portuguesa de Pedagogia. Ano 38, nº 1,2,3.

Godoi, E. (2005). *Educação Infantil: Avaliação Escolar antecipada. Infância e Educação – Investigação e Práticas*. Revista do GEDEI nº.7, novembro.

Ludovico, A. & Teixeira, O. M. (2007). *Educação Pré-Escolar: Currículo e Supervisão*. Penafiel: Editorial novembro.

Ministério da Educação (1997). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*. Lisboa: Editorial Ministério da Educação.

Moita, M. C. (1987). *O Acto Pedagógico e a Avaliação*. Cadernos de Educação de Infância. Lisboa: APEI nº3.

- Pacheco, J. (2001). *Currículo: Teoria e práxis*. Porto: Porto Editora.
- Parente, C. (2010). *Avaliação: observar e escutar as aprendizagens das crianças*. Cadernos de educação de Infância. Nº 89. Janeiro/abril 2010.
- Portugal, G. , & Leavers, F. (2010). *Avaliação em Educação Pré-Escolar*. Porto: Porto Editora.
- Portugal, G. (1998). *Crianças, Famílias e Creches – Uma abordagem ecológica da adaptação do bebé à creche*. Porto, 7ª edição: Porto: Porto Editora
- Portugal, G. (s/d). *Avaliação e desenvolvimento do currículo em educação pré-escolar*. Departamento de Ciências da Educação.
- Roldão, M. C. (1999). *Os Professores e a Gestão do Currículo – Perspetivas e Práticas em análise*. Porto: Porto Editora.
- Spodek, B. & Saracho, O. N. (1998). *Ensinando crianças de três a oito anos*. Porto Alegre: Editora Artes Médicas.
- Stake, R. (2007). *A Arte da Investigação com Estudos de caso*. Lisboa: Calouste Gulbenkian.
- Vallejo, P. (1979). *Manual de Avaliação Escolar*. Coimbra: Livraria Almedina.
- Vasconcelos, T. (1989). *Prática adequada em termos do desenvolvimento em programas para a 1ª e 2ª infância*. Cadernos de Educação de Infância. Lisboa: APEI nº.12, outubro, novembro, dezembro.
- Vasconcelos, T. (1997). *Ao Redor da Mesa Grande – A prática educativa de Ana*. Porto: Porto Editora.
- Yin, R. (2005). *Estudos de caso: Planeamento e métodos*. São Paulo: Bookman.
- Zabalza, M. (1992). *Planificação e Desenvolvimento Curricular na escola*. Porto: Edições ASA.

Referências Legislativas

Circular nº 4/DGIDC/DSDC/2011: Avaliação na Educação Pré-Escolar.

Circular nº 17/DSDC/DEPEB/2007 – Gestão do Currículo no Pré-Escolar.

Decreto- Lei nº 241/2001, de 30 de agosto. Perfil Específico de Desempenho profissional do Educador de Infância e do professor do 1º ciclo.

Lei-Quadro nº 5/97 de 10 fevereiro: lei-Quadro da Educação Pré-Escolar.

Anexos

Anexo nº 2 – Guião das entrevistas às Educadoras de Infância

Guião da entrevista às educadoras de infância		
Blocos	Objetivos	Questões
Bloco A Legitimação e apresentação da entrevista	Legitimar a entrevista. - Informar sobre o trabalho de investigação; - Incentivar a entrevista para a participação no estudo; - Garantir a confidencialidade das informações obtidas,	- Explicitar a entrevistada sobre o tema da entrevista e qual o seu objetivo; - Solicitar a colaboração da entrevistada; - Informar a entrevistada que todas as suas respostas serão analisadas, tratadas e apresentadas no seu anonimato e confidencialidade; - Pedir autorização para a gravação da entrevista.
Bloco B Dados pessoais e profissionais	- Conhecer o entrevistado.	- Quantos anos tem de serviço? - Qual a sua escola de formação? Em que ano terminou a sua formação? - Quanto à sua formação inicial teve algumas orientações relativamente à questão da avaliação? Quais?
Bloco C Finalidades sobre a avaliação na Creche e no Jardim de Infância	- Estudar as finalidades da avaliação na creche e no jardim de infância;	- Acha importante fazer a avaliação das crianças? Porquê? - Que dificuldades sente ao avaliar? - Quais as principais finalidades da avaliação na creche/Jardim de Infância?
Bloco D Práticas avaliativas na Creche e no Jardim de Infância	- Estudar as práticas de avaliação do educador; - Estudar como é que a avaliação contribui para a melhoria das práticas educativas;	- Quais as principais práticas avaliativas que utiliza? Porquê? - Que instrumentos de avaliação utiliza na sua prática pedagógica?

	- Compreender como é feita a avaliação na Creche/Jardim de Infância.	
Bloco E Melhoria das Práticas	- Estudar como é que a avaliação das crianças contribui para a melhoria das práticas das educadoras de infância;	- Acha que a avaliação das crianças pode promover alterações na sua prática pedagógica? - De que forma acha que a avaliação possa contribuir para uma melhoria da sua prática profissional? Porquê?
Bloco F Finalização da entrevista	- Concluir a entrevista - Agradecer a disponibilidade.	- O que gostaria de salientar sobre a avaliação das crianças na creche e no Jardim de Infância que não lhe foi perguntado? Obrigado pela disponibilidade.

Anexo nº 3 - Transcrição das Entrevistas às Educadoras de Infância

Questões	E1 creche	E2 creche	E3 creche	E4 Jardim	E5 Jardim	E6 Jardim
Quanto à sua formação inicial teve algumas orientações relativamente à questão da avaliação? Quais?	<p>“Sim, portanto no 2ºano/1º ano que nós tínhamos de escolaridade era um ano que, agora não sei se o programa é o mesmo, funcionava muito a nível de cultura geral, portanto tínhamos várias disciplinas dentro do âmbito de cultura geral, para depois também podermos optar por ensino ou educadores de infância. No entanto a partir do 2º ano tivemos uma cadeira</p>	<p>“Durante a minha formação tive algumas orientações acerca da avaliação nomeadamente a elaboração de grelhas de observação, assim como a sua implementação”.</p>	<p>“Sim, tive algumas orientações relativamente à questão da avaliação, recordo-me que tive uma disciplina que se chamava métodos e técnicas de avaliação onde aprendemos a preencher grelhas de observação”.</p>	<p>“Sim, nós tínhamos algumas orientações, tínhamos grelhas entregues pela professora da prática pedagógica, grelhas essas que já estão completamente desatualizadas, nem sequer foram postas em prática quando comecei a trabalhar, porque à medida que nós vamos para instituições diferentes, não foi o caso, comecei logo a trabalhar nesta, nós também vamos</p>	<p>“Ter tivemos, as professoras facultavam material de apoio, grelhas, a nível portanto das planificações eram estruturadas de forma a que após cada planificação posta em prática, tivéssemos que analisar o resultado e transcrevê-lo depois para a planificação, para ver o que é que correu bem, o que é que não correu, onde podemos ter feito melhor e para depois colmatar alguma falha que possa ter havido”.</p>	<p>“Eu lembro-me e é só de que me lembro, não sei se falamos noutras coisas mas, lembro-me mesmo no estágio, já tínhamos umas grelhas, e por acaso ainda as tenho hoje, pronto é aquelas grelhas de observação, chamas uma criança e vais seguindo aqueles itens e pões lá, se é adquirido se não era adquirido por acaso era o termo que utilizávamos. Mas sobre a avaliação era isso”.</p>

	<p>que... era métodos...sistemas e métodos de avaliação em que nós trabalhávamos com base em grelhas, um bocadinho mais antiquadas, que as que usamos hoje em dia não é, e que nós utilizávamos para formação, portanto para fazer estudo e formação das crianças e para a nossa própria auto-avaliação. Na altura também era muito usual quando nós íamos fazer estágios, a... termos que fazer relatórios de observações diretas a crianças como forma de depois avaliá-las”.</p>			<p>fazendo as nossas próprias grelhas de avaliação em conjunto e foi o caso, já fizemos várias e já chegamos a outras não é, portanto estamos sempre a evoluir”.</p>		
--	---	--	--	--	--	--

<p>Acha importante fazer a avaliação das crianças? Porquê?</p>	<p>“Sim acho que é muito importante a gente fazer a avaliação das crianças, mas acho que é muito importante, portanto fazer uma avaliação inicial, uma avaliação diagnóstica digamos e durante todo o ano letivo, pelo menos trimestralmente, aa...ir fazendo uma, uma avaliação até chegarmos à avaliação final. Acho que é importante porque, nem todas as crianças são iguais, um ritmo de trabalho e a evolução delas é sempre diferente e ao longo do ano e dos</p>	<p>“A avaliação das crianças deve fazer da nossa prática diária pois é através dela que o educador recolhe informações que lhe vão permitir reformular a sua intervenção”.</p>	<p>“Acho importante fazer a observação das crianças, porque assim ficamos a saber qual o grau de desenvolviment o de cada uma, as áreas menos fortes”.</p>	<p>“Sem dúvida que é importante porque é uma maneira de sabermos quais as etapas, que etapas em que eles já estão, quais os seus conhecimentos, a nível cognitivo e a nível do seu desenvolvimento, portanto é sempre importante fazer a avaliação das crianças, para sabermos o que é que já aprenderam, que ainda necessitam de ser mais estimulados para aprender e a nível motor, cognitivo, é sempre importante saber em que etapa de desenvolvimento</p>	<p>“Sim acho importante, sem dúvida, para já para ver a evolução deles, depois para apurar não só os pontos fortes como também os fracos. Obviamente é importante saber os fortes, mas se também soubermos os fracos depois ajuda-nos a tentar que ele se torne um ponto mais...forte não é? Portante acho que sim, que é muito importante cada um perceber onde é que é melhor, obviamente não podemos ser bons em tudo e nós sabemos que as crianças podem ter jeito por exemplo para letras, para números, para expressão plástica, mas podem não ter para</p>	<p>“ Pois importante é sem dúvida, porque é uma forma que nós temos de tentar de alguma forma ajudar a criança a ultrapassar as dificuldades que realmente, que realmente tem e nós se ...não avaliarmos, quer dizer nós também estamos sempre a avaliar, não é, independentemente de teres uma grelha ou não, tu tens aquela noção que a criança sabe não sabe, mas se realmente tivermos um instrumento seja ele o que for, onde possamos registar, é bom para nós, é bom para a criança e é bom para os pais, porque se houver necessidade disso, claro temos que partilhar com eles, e é assim só sabendo o</p>
--	--	--	--	--	---	---

	<p>diferentes meses e nem todas elas conseguem evoluir da mesma forma dentro daquilo que nós trabalhamos nas salas, como tal se nós não as avaliamos, também não sabemos quais são as áreas mais deficitárias que elas têm, e que precisam de ser mais trabalhadas, ou como é que precisam de ser trabalhadas, porque se elas não conseguem apreender aquilo que nós damos de uma determinada forma temos que ir arranjar outros sistemas e outras formas de conseguir chegar a</p>			<p>eles estão para podermos avançar ou não”.</p>	<p>a música, mas é normal, e é deixá-las saber disso próprio, podem não saber tão bem, mas faz parte”.</p>	<p>que é que realmente a criança sabe ou não é que nós podemos tentar ajudar e passar a uma etapa seguinte, é mais nesse sentido”.</p>
--	---	--	--	--	--	--

	<p><i>elas, portanto é muito importante que haja uma avaliação para não só nós educadores nos orientarmos dentro da própria sala como outras pessoas que possam vir a pegar no grupo depois também saibam como é que as crianças evoluíram e quais foi as necessidades que tiveram”.</i></p>					
<p>Que dificuldades sente ao avaliar?</p>	<p><i>“É assim as dificuldades que eu sinto ao avaliar, passa pelo facto de as grelhas às vezes serem muito específicas e quem trabalha com grelhas,</i></p>	<p><i>“No geral não sinto dificuldades ao avaliar”.</i></p>	<p><i>“As dificuldades devem-se ao facto do grupo ser extenso (18) e por vezes não se ter “tempo” para fazer a observação no</i></p>	<p><i>“Aa... dificuldades... é assim não há muitas dificuldades como nós temos a grelha e vamos fazendo observações diárias e fazendo registos diários, acaba por não</i></p>	<p><i>“É assim às vezes é um bocadinho complicado, porque também depende muito da motivação deles na atividade, porque por exemplo hoje posso ter um resultado e se calhar se eu fizer por daqui a</i></p>	<p><i>“Hum...que dificuldades sente ao avaliar...nem sempre é muito objetivo, hoje pode responder, amanhã não responde, depende...depende das crianças e é assim às vezes as grelhas que nós temos, às</i></p>

	<p><i>ter um bocado de dificuldade num grupo de 25 crianças conseguir fazer uma avaliação total das avaliações, tirando isso não sinto uma grande dificuldade em avaliar um grupo ao final do ano, porque uma pessoa que está dentro da sala, vai observando, que vai vendo, que vai estando com os meninos também vai avaliando, a avaliação é diária, é permanente é observação direta também tem a ver com isso, mas não é fácil avaliar porque muito que não se queira, a gente acaba sempre</i></p>		<p><i>contexto. A creche deveria ter mais grelhas de observação”.</i></p>	<p><i>haver muita dificuldade na avaliação. E até porque quando nós sentimos que alguma criança não está ao seu nível de desenvolvimento, também temos aqui o apoio da intervenção precoce que nos ajuda muito e elas próprias, com a autorização dos pais, como é lógico, elas próprias também fazem uma avaliação mais específica, não é, porque têm grelhas de áreas específicas para a trabalhar e aí dá-nos também uma ideia de como é que a criança está, por isso não sinto assim grande</i></p>	<p><i>dois ou três meses a mesma atividade posso ter outro, talvez porque já tenham tido um contato prévio ou então porque se calhar na primeira a atividade não estavam motivados ou estava no dia não, como nós dizemos e pronto, mas também não estavam para lá virados o que depois também interfere sempre nos resultados”.</i></p>	<p><i>vezes se calhar saltam determinados parâmetros que são importantes e se calhar outros que não são tão importantes, porque lá está nem sempre é muito objetivo nestas idades, a gente não pode chegar ali e dizer, não sabe, ver se eu me explico, à coisas que a gente vê que naquela dada altura a criança pode de facto não responder ou porque realmente ainda não adquiriu, mas se fizeres se calhar daqui a dois ou três meses já pode estar adquirido e muitas vezes está, por isso é que nós aqui no jardim fazemos mais só no final do ano letivo, para dar aquele tempo, para explorarmos durante o ano para depois ser mais fácil”.</i></p>
--	--	--	---	---	--	---

	<i>por não ser totalmente isentos, isso é uma das coisas que eu acho”.</i>			<i>dificuldade ao...ao avaliar. A única dificuldade é que realmente as avaliações vão sendo cada vez mais exigentes e vamos ter sempre que melhorar, o que nós temos, por exemplo as grelhas que nós temos agora se calhar daqui a um ou dois anos já não servem, teremos que fazer outras, portanto essa é a dificuldade que temos em avaliar é os meios com que temos para fazer”.</i>		
Quais as principais finalidades da creche e no	<i>“É assim na creche as principais finalidades na avaliação passa</i>	<i>“Na creche avaliar tem como finalidade</i>	<i>“As finalidades de avaliação em creche são</i>	<i>“Então como já disse, as finalidades da avaliação é para saber</i>	<i>“Pronto, eu acho que acabei um bocadinho por responder, mas tendo em</i>	<i>“Para mim, é isso mesmo é tentar perceber o que é que a criança sabe, onde é que</i>

<p>jardim de infância?</p>	<p>por nós termos a noção e a ideia de como é um grupo que está no início, do trabalho futuro que se pode fazer nestes anos, porque numa sala de 1 ano, aa...o mais importante é a autonomia sem qualquer dúvida, é a criança começar a ser autónoma, é o controle dos esfíncteres e é muito importante a gente fazer uma avaliação inicial à maturidade da criança para a preparar para a sala dos 2, principalmente porque a nível pedagógico e a nível de atividades, são atividades muito</p>	<p>recolher informação, interpretá-la e adotar decisões que possibilitem o aperfeiçoamento da ação educativa”.</p>	<p>levarem-nos a fazer o despiste de problemas, a observar as áreas menos fortes, a perceber qual o nível de desenvolviment o do grupo”.</p>	<p>em que nível de desenvolvimento das crianças estão, quais são os seus conhecimentos, quais os seus desenvolvimentos motores, cognitivos, portanto é essa a finalidade da avaliação, saber como é que a criança está, para sabermos o que é que podemos avançar ou o que é precisamos de trabalhar mais antes de avançar para uma nova etapa”.</p>	<p>conta que depois nós é que os preparamos para a primária, obviamente que não vão sair daqui a saber ler nem escrever, mas a base é aprendida aqui, depois se os pais tiverem a noção daquilo que os filhos sabem é muito mais fácil depois acompanhar no futuro e se nós dermos os alicerces é mais fácil depois que o sucesso escolar seja melhor”.</p>	<p>precisa de ajuda para melhorar, e para saber também até que ponto aquilo que eu estou a fazer tem algum sentido. Se aquilo que eu me propus, para aquela criança se realmente se justifica se não justifica, se deve ser feita de outra maneira, pois mas assim no jardim de infância é um bocado complicado, os meninos são muitos, é tudo muito miudinho é preciso descer mesmo ao nível de cada um e pronto também a avaliação faz...isso faz parte da avaliação a gente conseguir saber se aquele menino precisa daquilo, aquele do outro é por aí”.</p>
----------------------------	---	--	--	--	---	---

	<p><i>lineares, simples, portanto muito importante aqui é nós avaliarmos porque a maioria das crianças também vêm de casa, nós avaliamos a maturidade, o nível em que elas se encontram, a relação que é possível estabelecer com a família, por forma a conseguirmos pôr um nível, o grupo todo pelo menos a nível da autonomia e controles dos esfíncteres, é importante portanto entre nós dentro de sala e com as famílias hajam uma avaliação da criança diariamente para ver como ela</i></p>					
--	---	--	--	--	--	--

	<p><i>evolui áquilo que está a ser trabalhado aqui na parte da creche, porque se não houver esse acompanhamento permanente nós comunicamos com os pais , olhe nós hoje constatamos, observamos que é muito mais difícil ela ir ao bacio se for assim, a determinadas horas, portanto a avaliação na creche passa um bocadinho por aí. E a importância dela é depois estabelecer um diálogo com as famílias para haver uma colaboração e preparar a criança para uma sala de 2</i></p>					
--	---	--	--	--	--	--

	<i>anos onde realmente a nível de atividades pedagógicas não tem nada a ver”.</i>					
Quais as principais práticas avaliativas que utiliza? Porquê?	<i>“Na creche as principais práticas avaliativas que eu utilizo é a observação direta, portanto observação direta com base na observação que nós fazemos a uma atividade que se inicia ou a uma proposta de uma atividade os relatórios, portanto por cada criança, em todas as atividades que eu dou e normalmente nas atividades que estou a dar este ano têm muito</i>	<i>“É importante que o educador saiba escutar a criança no seu todo para ter consciência dos seus interesses e necessidades individuais. O contato diário com os encarregados de educação da criança é uma excelente oportunidade para partilhar informações pois</i>	<i>“Utilizo a observação direta, porque o grupo é constituído por crianças pequenas e é importante observar o seu comportamento e atitudes. O objetivo principal é fazer com que as crianças ganhem/conquistem a sua autonomia.</i>	<i>“Então é assim a principal é o registo diário, porque nós fazemos observações diariamente e quando alguma coisa que nós achamos que não está bem, registamos para depois ver se no dia a seguir, uma semana depois, um mês depois a criança deu o salto, portanto é uma observação diária e registo diário e depois anualmente fazemos uma avaliação mais profunda com as</i>	<i>“Práticas... é assim... eu não sei bem o que entende por práticas, nós basicamente, ou pelo menos eu, é muito o dia-a-dia, à coisas que eu sei, porque vejo no dia-a-dia, nem preciso escrever no papel, posso escrever... eu faço muitas anotações, posso escrever para não me esquecer, mas à coisas tão básicas que eu sei, se me perguntarem eu sei logo dizer se esta criança consegue se não consegue, depois temos também eu normalmente</i>	<i>“As práticas avaliativas...nós aqui, eu tudo o que nós fazemos e tudo o que eu observo é uma forma de avaliação, depois é assim nós vamos fazendo determinados registos para ver como correu o dia, se correu assim, se correr assado, se fez aquilo, se não fez e depois temos aquela dita grelhazinha que nós utilizamos para cada ano, portanto como na creche também temos tem uma série de itens que fazem sentido no final daquele ano as crianças terem adquirido”.</i>

	<p>a ver com os sentidos, com o mexer, com farinha maizena, com o esparquete, e é importante que cada vez que se lança uma atividade destas na sala, nós observamos como ela reage, se é recetiva, se não é recetiva, se tem prazer em mexer nas coisas, se recusa, porque é que ela se recusou, recusou hoje, pode não recusar amanhã, mas tem que haver um motivo porquê, e o porquê só se consegue se nós estivermos muito atentas diariamente a tudo o que ela faz, ou foi porque ela hoje</p>	<p>ajudam a tomar decisões sobre a continuidade deste processo que é cuidar e educar a criança. As estratégias de avaliação incidem na observação direta e indireta do ambiente educativo, das crianças e dos resultados das atividades que o educador vai realizando com as crianças”.</p>	<p>Devem conseguir ser cada vez mais autónomas”.</p>	<p>grelhas de avaliação e essas são as técnicas que utilizo”.</p>	<p>em cada atividade tenho uma grelha com o nome deles e com dois ou três objetivos que eu achei que fosse o ponto essencial a atingir naquela atividade e depois faço com cruces que é mais rápido, e depois tenho o cantinho das observações e meto se conseguiram se não conseguiram, se gostaram se não gostaram para perceber os pontos fortes/fracos, mas também o que eles gostam mais, porque às vezes aquilo que nós gostamos mais, não é o nosso ponto forte e é um bocadinho por aí. Depois temos também a avaliação que fazemos</p>	
--	--	---	--	---	---	--

	<p><i>vem disposta de casa, ou porque por exemplo é uma atividade mais mole e a criança tem uma recusa maior em mexer, é importante isso ser observado, ser registado diariamente, uma situação dessas, porque depois mais tarde, quando lançarmos de novo a atividade, normalmente estas atividades são lançadas mais do que uma vez, se crie um outro contexto que não o primeiro para que a criança se desiniba, aceita a atividade, a consiga fazer com</i></p>				<p><i>todos os anos, temos uma grelha, as educadoras juntaram-se e existe uma grelha com os objetivos específicos em cada área de conteúdo, quais são a atingir na expressão plástica, expressão musical, domínio da matemática, na oralidade e abordagem à escrita, no conhecimento do mundo e na formação pessoal e social, e depois nós fazemos uma avaliação que acaba por ser mais concreta, tem lá tudo, o processo todo, o que é que ele sabe e o que é que ele não sabe tão bem e o que é que tem que ser trabalhado”.</i></p>	
--	---	--	--	--	--	--

	<p><i>prazer e consiga ir evoluindo, portanto neste contexto as observações diretas que nós fazemos, às atitudes que as crianças têm perante as atividades, perante as rotinas diárias e o registo sistemático de uma delas é importantíssimo, para depois nós também sabermos como é que devemos de agir noutra altura. Outro dos métodos que utilizamos é para o final do ano a partir de abril/maio é uma ficha de avaliação, uma coisa muito simples, que se baseia essencialmente nas</i></p>					
--	--	--	--	--	--	--

	<p><i>rotinas diárias, na higiene, na autonomia, na importância das regras de sala, no facto da criança ser ou não autónoma ao nível dos esfíncteres, a nível da alimentação, todas essas coisas todas, mas essa grelha, é uma grelha que normalmente só será mais trabalhada a partir de janeiro”.</i></p>					
<p>Que instrumentos de avaliação utiliza na sua prática pedagógica?</p>	<p><i>“Portanto os instrumentos, é a tal coisa, é essa grelha que nós temos, os registos diários, mas são relatórios e registos diários que são feitos e que</i></p>	<p><i>“Planificações, registos de observação diários. Aplicação de grelhas de avaliação objetivas e concisas e</i></p>	<p><i>“Os instrumentos de avaliação que utilizo são a observação direta, registos individuais e grelhas de</i></p>	<p><i>“Portanto é o registo diário, portanto o caderninho com o registo diário, são as grelhas que têm algumas folhas em anexo, também para fazermos a avaliação,</i></p>	<p><i>“Acabei por responder”.</i></p>	<p><i>“É mesmo o que eu vejo, o que observo, o que eles registam, também dos trabalhos que fazemos tirando isso é mesmo a grelha. No dia-a-dia observamos o que eles fazem nos trabalhinhos, lá</i></p>

	<i>depois ficam no portefólio individual de cada criança”.</i>	<i>documentação através de anotações, descrições, fotografias, realização de filmes”.</i>	<i>observação”.</i>	<i>nós fazemos um resumo de como a criança está e é a nossa avaliação”.</i>		<i>está que nós registamos, nem sempre por escrito mas às vezes quando há coisinhas que saem daquela linhazinha dita normalidade que nós registamos”.</i>
<i>Acha que a avaliação das crianças pode promover alterações na sua prática pedagógica?</i>	<i>“Na minha prática, sem dúvida que altera, porque é assim, se eu avalio e sei que determinada criança não reagiu positivamente, ou não concluiu ou não fez determinada atividade, é assim eu tenho que ser capaz de encontrar estratégias, métodos, formas de ação para levar aquela criança a conseguir fazer essa</i>	<i>“Sim, um dos propósitos da avaliação é o aperfeiçoamento da nossa prática educativa. Porque aperfeiçoar implica necessariamente mudar de estado”.</i>	<i>“Sim, porque permite-nos alterar algumas metodologias e adaptá-las ao grupo que temos”.</i>	<i>“Pode ... se eu tenho determinada coisa pensada para trabalhar com um grupo de crianças, se na minha observação diária e nos registos, eu vejo que as crianças ainda não estão aptas para esse tipo de trabalho, tenho que voltar atrás e portanto aí o meu trabalho é influenciado pelo que as crianças já</i>	<i>“Sim, por exemplo se eu fizer uma atividade, se achar que a maioria do grupo não atingiu os objetivos, se calhar fui eu que não escolhi melhor a atividade ou não escolhi a melhor forma de chegar até eles, obviamente isso vai-me obrigar a fazer novamente uma planificação com os mesmos objetivos, mas de outra forma mais acessíveis, para ver se</i>	<i>“Pode, pode, lá está porque se calhar daquela maneira e com aquele trabalho não faz sentido para aquele menino, pensar outra forma de chegar ao menino”.</i>

	<p><i>atividade, portanto sem uma avaliação dos registos diários sistemáticos nós nunca conseguimos lembrar todos dias do que aquela criança recusou, ou o que é preciso fazer para fazer com que ela deixe de recusar, porque tem que haver algum motivo pelo qual ela se recusar a fazer determinadas atividades”.</i></p>			<p><i>sabem ou não sabem fazer sem dúvida que são eles que nos influenciam o que podemos ou não fazer com eles”.</i></p>	<p><i>realmente consigo que eles alcancem os objetivos pretendidos, e se eu souber, nós depois na sala também temos um registo diário, como tu já pudeste ver, que é o que fizemos, o que mais gostaram de saber e o que é que gostaríamos de fazer, e isso depois permite-nos elaborar melhor a nossa planificação, tendo em conta o que eles gostam, porque às vezes estamos tão focados com eles têm que saber isto e aqueloutro e é bom não esquecer que eles também têm vontades e que gostariam de fazer coisas, e isso permite que não exista essa falha da</i></p>	
--	--	--	--	--	--	--

					nossa parte”.	
De que forma acha que a avaliação possa contribuir para uma melhoria da sua prática profissional? Porquê?	<p>“Exatamente por isso, pode ajudar-me a mim a crescer enquanto educadora, a procurar a ter eu que trabalhar, a fazer o trabalho de casa e procurar ou junto das colegas ou de livros e internet, de todas as fontes que eu tenho, ter que encontrar ideias, ter que encontrar métodos, ter que encontrar estratégias para conseguir para que o grupo que eu tenho este ano tenho 14, todas elas consigam saltar etapas,</p>	<p>“Ao registar o que observa o educador cria um registo sobre o qual pode refletir mais tarde e até comparar com registos feitos anteriormente. Isto dá-lhe uma perspetiva de como o processo de aprendizagem e o desenvolvimento da criança ocorre e as áreas de desenvolvimento em que o educador tem de incidir a sua</p>	<p>“Já respondi na questão anterior”.</p>	<p>“Pode ... se eu tenho determinada coisa pensada para trabalhar com um grupo de crianças, se na minha observação diária e nos registos, eu vejo que as crianças ainda não estão aptas para esse tipo de trabalho, tenho que voltar atrás e portanto aí o meu trabalho é influenciado pelo que as crianças já sabem ou não sabem fazer sem dúvida que são eles que nos influenciam o que podemos ou não fazer com eles”.</p>	<p>“Sempre na criança, neste caso... pois lá está acaba por ser, se eu ao avaliar as crianças souber que eles atingiram os objetivos, eu sinto-me realizada, acho que estou a desenvolver uma boa prática, se eu não conseguir fazer com que eles atinjam um objetivo obriga-me a... reciclar algumas coisas e tentar arranjar outras formas de chegar a eles, portanto acho que até é fundamental para eu melhorar”.</p>	<p>“No mesmo sentido, se nós não avaliarmos nós também não sabemos se estamos a proceder bem ou não”.</p>

	<i>consigam realizar trabalhos e atingir objetivos, nesse sentido para mim acho que enquanto educadora faz-me crescer e evoluir, sem dúvida”.</i>	<i>atenção e melhorar a sua intervenção”.</i>				
O que gostaria de salientar sobre a avaliação das crianças na creche e no jardim de infância que não lhe foi perguntado?	<i>“Nada em geral, acho que na creche uma coisa que é muito importante da avaliação é a gente dar muito carinho, muito colo e carinho, mas não é assim a nível de creche é importante nós avaliarmos as nossas crianças, porque mesmo a nível de despistagens de situações que por</i>	<i>“Nada em geral, penso que o essencial foi-me perguntado”.</i>	<i>“Não tenho nada a salientar, o essencial da avaliação já foi falado, no geral perguntou tudo”.</i>	<i>“Aaa.... é assim, o que eu falei, que é o principal, que é a observação diária e as conversas temos também com os pais, com os técnicos que também nos acompanham, para sabermos como é que as crianças estão e se coincide o que nós estamos a ver, com aquilo que os outros também veem</i>	<i>“Não...acho que não à assim...no geral perguntou tudo, depois também temos o portefólio individual com os trabalhos que acaba também por ser uma forma de avaliarmos a longo prazo a evolução deles”.</i>	<i>“Acho que perguntas-te tudo, foi o mais importante, pronto acho que é preciso ter um bocado cuidado porque, a avaliação é sempre uma coisa, lá está, tem de ser objetivo, mas nem sempre é, e quando, como é que eu hei-de dizer nós não devemos partir de pontos assentes e nem falar de quando por exemplo se diz a um pai nós não devemos apresentar as coisas como se não houvesse volta a dar,</i>

	<p>vezes possam aparecer é uma altura fundamental, porque à pequenas coisas que nós numa sala de 1 ano começamos a detetar e, não tenhamos dúvidas que quanto mais cedo determinadas situações forem sinalizadas e nós podermos trabalhar com elas o desempenho das crianças depois mesmo a nível de pré-escolar e de escola primária é sempre melhor”.</p>			<p>portanto penso que não tendo assim nada para salientar de importante, porque já falamos das grelhas, já falamos da avaliação diária, dos registos diários, penso que não haja assim nada que eu me esteja a lembrar”.</p>		<p>como se fosse um dado adquirido, porque isto nestas idades é muito complicado, não se deve rotular não faz isto, não sabe aquilo, vai ter problemas nisto, vai ter problemas naquilo, acho que são idades muito, muito tenras, para começarmos com esse tipo de seleção de rótulo mesmo, pronto saem daqui, e mesmo às vezes nota-se entre os colegas que flano tal sabe que flano tal sabe, ai ele não diz, ele não quer, pronto é preciso ter um bocadinho de sensibilidade se calhar porque às vezes marcamos os meninos sem que estejamos a querer ou a fazer de propósito, mas às vezes á coisinhas nestas idades que eles não se esquecem e que também</p>
--	---	--	--	--	--	---

						<p><i>passa por aí porque nós lhes dizemos não fizeste isto, não fizeste aquilo, está certo, está errado, não sabes fazer nada disto e coisas que nós às vezes dizemos coisas absolutamente por dizer e que às vezes devíamos ter mais cuidado e eu se calhar falo um bocadinho por mim, mas com o calor do dia sai muita asneira”.</i></p>
--	--	--	--	--	--	---

